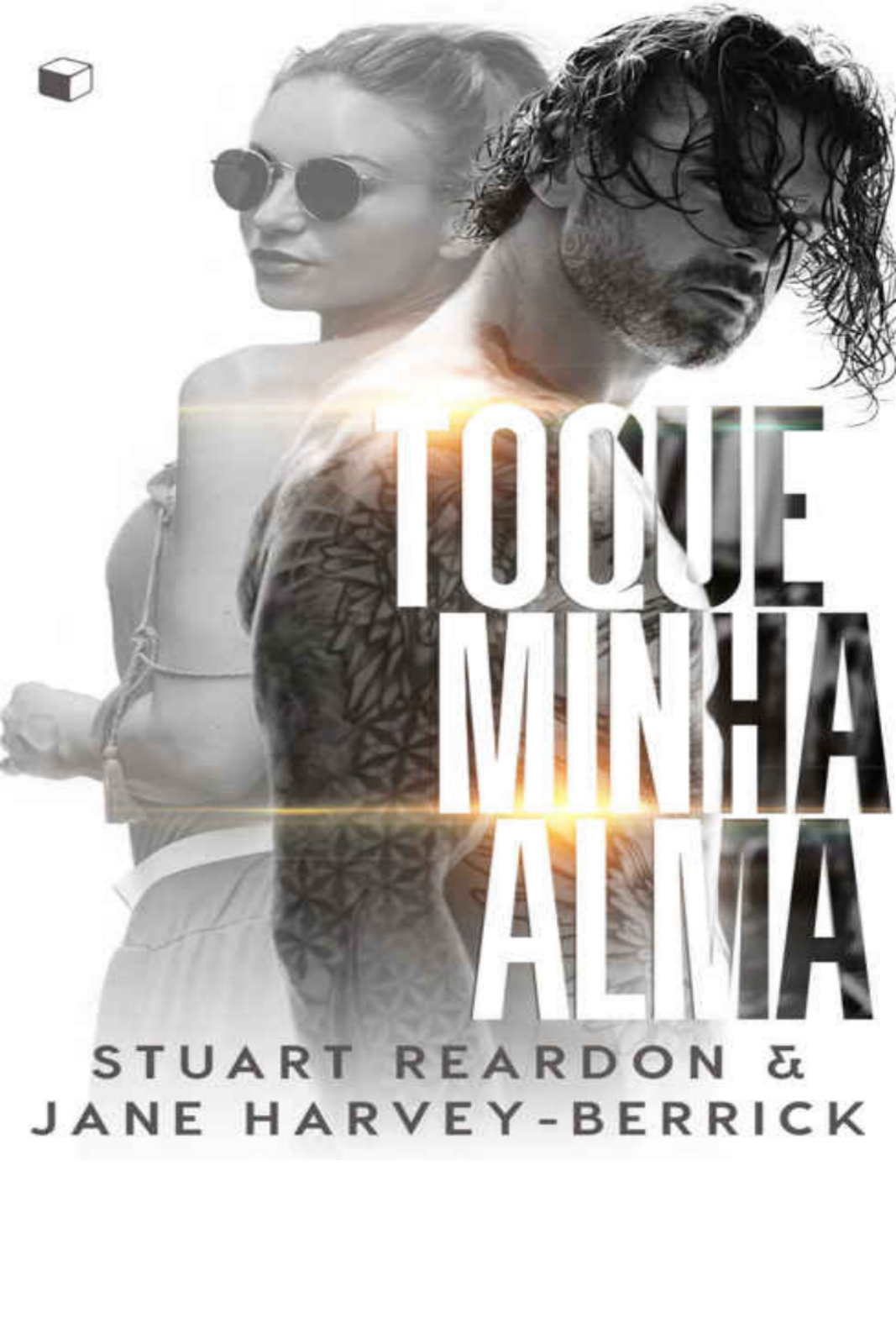




STUART REARDON &
JANE HARVEY-BERRICK

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



TOQUE MINHA ALMA

STUART REARDON &
JANE HARVEY-BERRICK

STUART REARDON &
JANE HARVEY-BERRICK

TOQUE MINHA ALMA

Tradução: Natalie Gerhardt

1ª Edição



2019
Rio de Janeiro

Copyright © Jane Harvey-Berrick, 2018

Copyright © Stuart Reardon, 2018

Copyright © The Gift Box, 2018

Published by arrangement with Bookcase Literary Agency.

Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:

Roberta Teixeira

Gerente Editorial:

Anastácia Cabo

Arte de Capa:

Pop kitty book reviews

Adaptação de Capa:

Bianca Santana

Revisão:

Kyanja Lee

Marta Fagundes

Diagramação:

Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

ESTE LIVRO SEGUE AS REGRAS DA NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

H271t

Harvey-Berrick, Jane

Toque minha alma [recurso eletrônico] / Jane Harvey-Berrick,
Stuart Reardon ; tradução Natalie Gerhardt. - 1. ed. - Rio de Janeiro : The
Gift Box, 2019.

recurso digital

Tradução de: Touch my soul

Requisitos do sistema:

Formato: mobi

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-52923-66-4 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Reardon, Stuart. II. Gerhardt, Natalie.

III. Título.

19-55893

CDD: 823

CDU: 82-31(410)

Sumário

Início	
Agradecimentos	
Prólogo	
Capítulo 1	
Capítulo 2	
Capítulo 3	
Capítulo 4	
Capítulo 5	
Capítulo 6	
Capítulo 7	
Capítulo 8	
Capítulo 9	
Capítulo 10	
Capítulo 11	
Capítulo 12	
Capítulo 13	
Capítulo 14	
Capítulo 15	
Capítulo 16	
Epílogo	
Sobre os autores	

Um traço, apenas, da natureza a todos faz parentes.
William Shakespeare



AGRADECIMENTOS

Para Kirsten Olsen, nossa maravilhosa editora.

Box. Para Bia e Roberta, as garotas adoráveis da The Gift

viagem. Para Tonya Allen, leitora beta e companheira de

viagem. Para Reardonites, Stalking Angels e Jane's Travelers, por todo amor e lealdade.

Para Sheena Lumsden pelo apoio nos bastidores.

Para Carol Sales, pelo apoio nos dois idiomas.

Para Bruninha Mazzali, por permitir que usássemos o seu nome para a nossa protagonista.

Para todos os blogueiros que dedicam tempo à sua paixão por ler e resenhar livros — Obrigado pela apoio.

Para todos os nossos leitores e leitoras, vocês não demais!



PRÓLOGO

Aos 19 anos, achei que ser escolhido para jogar *rugby* profissional tinha sido o dia mais importante da minha vida.

Mas eu nunca disse que era inteligente. Meu irmão mais novo, Paul, ele sim, era o inteligente da família. Ele ia entrar na faculdade e mudar o mundo.

Quanto a mim, tudo o que eu queria era jogar *rugby*. E eu era muito bom. Na verdade, era a única coisa em que era bom — a única coisa que me diferenciava.

Mas onde eu morava, na zona leste de Londres, futebol era o esporte que todo mundo queria jogar. Não eu. Jogadores de futebol são um bando de fracotes que se jogam no chão se você simplesmente der um toquinho no seu tornozelo. Pelo jeito que eles valorizam a queda, agindo como se estivessem morrendo, dá para pensar que estão concorrendo ao Oscar. Essa é uma piada entre os jogadores de *rugby*. Mas tem um fundo de verdade. Sério. Na maior parte do tempo. Só estou dizendo.

Quando estava na escola, eu tinha sonhos como qualquer outro garoto. Mas, então, meus sonhos se realizaram e fui selecionado para jogar no time Finchley Phoenixes, um clube da primeira divisão do *Rugby Union*, com sede no estádio de Hangar Lane no norte de Londres. Eu não era mais um amador, um guerreiro de fim de semana, mas um atleta profissional em tempo integral. Parecia que eu estava fazendo o que tinha nascido para fazer. Parecia que minha vida tinha finalmente começado.

De repente, estava ganhando muito dinheiro, e os jogos em que eu atuava costumavam ser televisionados nas tardes dos

fins de semana. Todos os *pubs* chiques e boates me convidavam para ir a festas badaladas, frequentadas por celebridades, nas quais champanhe era servido como água. Estilistas ofereciam roupas de graça e uma marca esportiva ofereceu-me um patrocínio. Depois outra e mais outra.

Eu provavelmente teria me transformado em um jogador arrogante, mas Paul manteve meus pés no chão, e eu contava com os meus pais também. Então, diferentemente de alguns jogadores que não conseguiam lidar com o dinheiro e a fama, eu mantive a cabeça no lugar.

Cheguei a jogar com Nick Renshaw, um jogador de fama mundial, que foi capitão do time inglês, assim como do meu time, o Phoenixes.

Só jogamos juntos uma vez porque ele se sofreu uma lesão e decidiu se aposentar do *rugby* profissional, mesmo assim eu ainda posso dizer que joguei com o melhor do mundo.

Eu nem deveria estar no time naquele dia, mas Nick insistiu. Disse que como era o seu último dia e sua despedida, ele poderia escolher o time que quisesse. Disse que era certo que um novato jogasse também — alguém para continuar as tradições que transformaram o Phoenixes em um grande time.

— Precisamos de muito mais cabelo no ataque — brincou ele, fazendo todos caírem na risada, já que metade dos jogadores mais velhos era careca.

Achei que ele era muito legal. Foi um grande lançamento para a minha carreira como jogador profissional. Espero que um dia eu seja escolhido para representar o meu país como aconteceu com Nick, que eu possa jogar no time da Inglaterra.

Tudo isso significa muito para mim. O *rugby* me deu todas essas coisas boas na vida. Acima de tudo, ele me deu um motivo para me levantar de manhã.

E, então, quando eu tinha 23 anos e achei que a vida não poderia melhorar, eu a conheci.

A vida nunca mais seria a mesma.

Às vezes, isso não é necessariamente uma coisa boa.



CAPÍTULO 1

Por que os caras são tão babacas? E eu digo isso mesmo sendo um deles. Sendo um cara, não um babaca.

Meu nome é Ben Richards. Sou *winger*, ou asa, do time Finchley Phoenixes. Isso significa que sou um dos jogadores mais rápidos em campo — tenho velocidade e força. Mas um time não é feito por um jogador só, nem mesmo por 15 jogadores em campo. Um time também é formado pelo técnico, pelo médico e pelos fisioterapeutas — por todos os envolvidos em nos manter jogando.

Uma nova fisioterapeuta começou a trabalhar com a gente, e eu já estava de olho nela havia um tempo. E não é porque ela era gata nem porque o uniforme dela não escondia suas curvas, mas porque Andy e Wes estavam sendo babacas. Ela tinha começado no início da temporada e trabalhava principalmente com os times mais jovens do clube, mas, de vez em quando, trabalhava com os jogadores do time principal, e desde a primeira vez em que ela pisou no vestiário, ela se tornou o alvo deles.

Eles sempre eram idiotas quando íamos ao pub ou a alguma boate, dando em cima de qualquer rabo de saia, e, na maioria das vezes, eu simplesmente ignorava isso, mas ali era o nosso local de trabalho — não de pegação.

O nome do crachá dela dizia Bruninha, mas ouvi o chefe da fisioterapia chamá-la de Ru. Gostei disso – desse apelido brasileiro elegante e com um som estrangeiro que é muito fofo também.

Nossa, ela era linda.

O cabelo castanho escuro e brilhante combinava com

os olhos. Ela costumava prendê-lo em um coque, mas, às vezes, como naquele dia, optava por um rabo de cavalo comprido. De qualquer forma, ela tinha aquele ar de enfermeira sexy. Sim, é claro que eu tinha notado isso.

Ela era baixa em comparação com os jogadores do time, pequena e feminina, mas era exuberante e seus olhos brilhavam quando estava zangada, e ela não tentava esconder isso.

Fomos informados de que teríamos um novo fisioterapeuta na equipe, mas ficamos surpresos quando nos deparamos com uma baixinha explosiva que não levava desaforo para casa.

Mas eu só soube disso depois que a conheci melhor. A minha primeira impressão foi a de que ela precisava ser protegida dos dois babacas.

— Wesley? — chamou ela, com voz incerta, seus olhos se afastando da prancheta que segurava, enquanto vasculhava o vestiário.

— Sou eu, querida! Desculpe, enfermeira... Ou melhor, fisioterapeuta...

Ela soltou um suspiro profundo e colocou a prancheta embaixo do braço, seu longo rabo de cavalo balançando às suas costas.

Wes ergueu o polegar, dando um joinha, enquanto a seguia para a Sala de Fisioterapia 2 para a massagem pós-treino. Ele provavelmente nunca se sentiu tão feliz por estar com um encurtamento muscular e precisar de massagem e alongamento. Cara de sorte. Mas ele pareceu não notar e começou a ser o babaca que todos nós conhecíamos e, às vezes, tolerávamos.

Ele fez um gesto obsceno às costas dela sem que ela percebesse e um gesto nojento com a língua. Andy riu.

— Puta que pariu — resmunguei. Então, falei mais alto: — Cara, você parece ter cinco anos de idade. Deixe de ser escroto.

Mas agora que tinha uma plateia, foi ainda mais ofensivo.

— Ru, é verdade que você termina as massagens com um final feliz? — perguntou ele com um sorriso malicioso.

Ele lançou um olhar debochado para Andy e os dois acharam que ela fosse ficar vermelha, mas ela se virou para eles com expressão séria e os olhos brilhando.

Por um instante, pareceu estar furiosa, mas, então, respirou fundo e olhou para o teto, como se estivesse pedindo uma intervenção divina.

— Sabe de uma coisa, Wes? Não importa para mim se

você vai ser massageado ou não, porque não sou eu que vou acabar desempregada por causa de um músculo encurtado que pode acabar se transformando em um estiramento ou até mesmo rompimento de tendão, o que requer uma intervenção cirúrgica, ou até mesmo em uma lesão que pode acabar com sua carreira. E não, eu não estou exagerando. Esse tipo de coisa acontece. Você já viu isso, e eu também já vi. Então, é melhor você tomar jeito e se comportar. — Os olhos dela estavam brilhando de raiva enquanto ela se empertigava para ficar mais alta, o que não era muita coisa. — Eu sou um membro da equipe técnica desse time, escolhida pela administração.

— Vai fazer fofoca para o chefão? — provocou Andy, dando um passo na direção dela. — Nós somos muito mais importantes para o time do que você, baixinha.

Eu não aguentei mais.

— Porra, já deu! — exclamei, agarrando o ombro dele e o puxando para longe dela. — Ela só está tentando fazer o trabalho dela, seu cuzão. Ela não precisa que um babaca como você dificulte ainda mais as coisas. Não seja escroto.

Achei que eu estivesse ajudando, achei mesmo, mas ela se virou para mim.

— E eu não preciso da ajuda de outro troglodita! Não sou uma mulher indefesa e frágil. Sou uma fisioterapeuta formada e essa não é primeira vez que tenho que lidar com jogadores... Ou será que eu deveria dizer com moleques? Eu tenho tanto direito de estar aqui quanto qualquer um de vocês. “Assédio sexual no local de trabalho é inadmissível”. Acho que seria uma boa ideia vocês lerem o contrato que assinaram.

Ergui as mãos, em sinal de rendição, chateado por ela estar me colocando no mesmo nível dos dois babacas que estavam rindo da minha cara e emitindo barulhos idiotas, como se eu estivesse levando um sermão de uma namorada.

— Cara, eu só estava tentando ajudar.

Quando ela se dirigiu para o chuveiro, completamente irritada e tensa, vi um brilho de remorso no seu rosto, que desapareceu rapidamente.

Ela cuspiu as palavras como balas de um revólver, descrevendo a lesão de Wes e o tratamento necessário e por que ele precisava dela. Então, ela explicou exatamente o que aconteceria se ele não fosse tratado.

— Se essa distensão não for tratada, o tendão pode romper. Um rompimento de grau III, e você vai ficar sem jogar por meses. Você. Precisa. De. Mim.

Acho que ouvi “seu palerma” no final, mas ela falou baixo demais para eu ter certeza. Eu só estava olhando para os lábios

dela, então você poderia dizer que foi um bom chute.

No final, Wes pareceu preocupado e manteve a boca.

Ela estava certa, não precisava da minha ajuda.



Sábado era dia de jogo. Era uma partida local contra o time Northampton Saints. Era uma equipe difícil, com defesa forte, o que significa que teríamos que dar o nosso melhor e nos certificar de que o nosso ataque fosse certo. Precisávamos seguir o esquema tático e derrotá-los. Eu era ponta-esquerda, camisa 11. Estava concentrado no meu trabalho, pegando os lançamentos, correndo, fazendo passes rápidos quando era derrubado e tentando marcar pontos para o time.

O meu herói era Jonah Lomu, que foi jogador mais jovem do New Zealand All Blacks, um dos melhores times internacionais de *rugby* do mundo. E ele foi o jogador mais incrível que já existiu. Assisti a diversas cenas dele correndo com a bola com a marcação de dois jogadores tentando derrubá-lo, mas ele simplesmente continuou correndo. É difícil de acreditar se você não tiver visto. Eu era novo demais para ter visto os jogos ao vivo, mas estudei todos as suas jogadas no YouTube.

Lomu recebeu o diagnóstico de doença renal quando tinha vinte anos e acabou recebendo um transplante. Ele voltou a jogar depois disso, o que o tornou um herói para o meu irmão também.

Mas Lomu nunca mais voltou ao *rugby* internacional e morreu alguns anos atrás com apenas quarenta anos — complicações do transplante.

Foi um dia triste para toda a minha família e para todo o mundo do *rugby*. Jogadores como ele não aparecem com muita frequência.

Eu queria ser como ele — o melhor jogador do mundo. Eu queria inspirar crianças a escolher esse esporte, ou apenas a viver uma vida saudável. Não queria ser um desses jogadores que só quer conseguir tudo para si; eu queria doar um pouco para o esporte que me deu tudo. Eu definitivamente não queria acabar em artigos de alguma revista de fofocas por namorar alguma estrela da TV. Não estou dizendo que aquelas mulheres não são lindas, mas eu queria ser conhecido por ser um atleta, e não por estar comendo alguém.

Então, eu treinava. Treinava mais do que qualquer

outro jogador do time. Mesmo que fosse o principal trabalho dos *hookers* fazer os lançamentos laterais — colocar a bola de novo no jogo depois que ela saiu do campo —, eu me certificava de também treinar para isso. Isso e todo o resto, eu seguia a regra dos 95%: passar 95% do seu tempo treinando. Porque é dessa forma que você treina seus músculos, e memória muscular significa que você tem menos chance de ferrar com tudo durante os cinco por cento de tempo que você passa em jogo.

Bem, nada é à prova de burros, mas eu queria ser o melhor jogador que pudesse.

Era manhã de sábado, passava um pouco das seis horas. Acordei, abri a cortina para ver como estava o tempo. Naquela época do ano, que antecedia o inverno, o sol ainda não tinha surgido no horizonte por trás da Torre de Londres, e o céu estava cinzento e sombrio.

Estava frio para setembro — parabéns para a previsão do tempo que tinha previsto um dia de verão indiano. Em vez disso, as manhãs eram brumosas e o vento do rio Tâmisa estava frio o suficiente para congelar as suas bolas.

Minha mãe e meu pai iam me ver jogar. Adoravam ganhar ingressos grátis e se sentarem junto com a família dos outros jogadores. Paul queria ir também, mas os médicos achavam que não era uma boa ideia. Ele adoecia muito, principalmente no outono e no inverno, e já tinha tido uma grave infecção pulmonar, o que significava que sair em um dia frio e úmido não era a melhor ideia. Ele ficava muito zangado por nunca poder fazer nada.

Sofrer de fibrose cística era uma merda. Ele estava na lista para receber um transplante de coração e pulmão havia três anos. Até agora, nada.

Então, ele tinha que lidar com as infecções pulmonares, uma tonelada de antibióticos e estar doente.

E apesar de Ru ter me colocado na categoria dos “trogloditas”, como ela declarou de forma tão carinhosa, eu sabia o quanto fisioterapeutas eram importantes para o time. E eram muito importantes para Paul também.

Os portadores de fibrose cística produzem um muco grosso e grudento nas vias respiratórias. Paul tinha que tomar um monte de remédios para afinar o muco e facilitar a expectoração. Fisioterapeutas nos ensinaram técnicas respiratórias e de massagem para aliviar as dores no peito e nas costas, mas era eu que o ajudava com todos os exercícios. Eu era quase mais fanático do que ele. Mesmo que se exercitar fosse difícil para ele, e o deixasse exausto, a alternativa era muito pior.

Não existe cura para fibrose cística, então você tem

que aproveitar ao máximo o que você tem... e o relógio está sempre correndo.

Era tão injusto ele ter fibrose cística e eu não. Nós somos irmãos, viemos do mesmo conjunto genético. A vida é uma loteria, não é? Isso me emputecia todos os dias, e todos os dias eu me sentia culpado por isso.

Sei que Paul também se sentia assim. Ele era sempre positivo, tentava encontrar graça em todas as situações e nunca tentou fazer com que eu me sentisse mal com o modo como as coisas aconteceram — era eu que fazia isso. Mas às vezes eu percebia o modo como ele me olhava e conseguia ver a frustração no seu rosto — todas as coisas que eu podia fazer e ele não.

Então, sim, eu sabia a importância dos fisioterapeutas. E queria dizer isso para Ru, mas sempre que eu a via — o que não era muito —, ela se esforçava para não ser amigável demais, manter o profissionalismo com todo o time, fazer o seu trabalho e ir embora.

Isso é só uma forma elaborada para dizer que sempre que um dos caras do time a convidava para sair, ela os fulminava com o olhar.

Alguns anos antes, o clube tinha uma cláusula que proibia relacionamentos em todos os contratos dos jogadores. Nick Renshaw tinha tido muitos problemas quando namorou a psicóloga do time. Ela acabou perdendo o emprego. Nick acabou saindo do clube com ela, então as regras mudaram.

Funcionários tinham permissão de namorar desde que não houvesse uma relação de subordinação entre eles e desde que informassem a administração. Mesmo assim, eles não gostavam se os funcionários trabalhassem juntos. E sim, eu tinha lido o meu contrato, exatamente como Ru dissera.

De qualquer forma, porém, eu não tinha reunido coragem suficiente para convidá-la para sair — eu não tinha o menor interesse em passar por uma humilhação pública.

Mas realmente estava pensando nisso, eu só precisava de um sinal...

Cheguei ao vestiário um pouco mais cedo no sábado. Eu ficava muito ligado nos dias de jogo, então, chegar mais cedo, quando tudo estava tranquilo, fazia parte da minha preparação mental.

O vestiário estava quente e a equipe de fisioterapeutas estava preparando tudo, verificando os equipamentos, já sabendo de tudo que os jogadores precisavam.

Tirei a roupa e a guardei, coloquei a minha sunga da sorte que eu usava por baixo do uniforme e comecei a enfaixar o meu tornozelo direito. Na verdade, eu não precisava do apoio extra, mas já

fazia aquilo havia tanto tempo, que tinha se tornado uma superstição para mim, e era isso que eu fazia antes de todos os jogos.

Quando estava colocando os fones de ouvido para ouvir música, olhei para cima e vi Ru me observando, mas assim que nossos olhares se cruzaram, ela deu um sorriso e afastou o olhar.

Não consegui entender o que aquele olhar significava, então me obriguei a clarear os pensamentos e me concentrar nos meus objetivos pessoais para o jogo: não cometer erros, aproveitar as oportunidades que surgirem, jogar melhor do que o ponta-esquerda do outro time. O objetivo do time era passar os primeiros cinco sets do jogo com menos de quatro erros. O nosso jogo era técnico e tentávamos nos ater à estratégia no jogo.

Um dos outros fisioterapeutas veio me ajudar a enfaixar meu pulso e polegar. As mãos sempre ficavam vulneráveis durante o jogo, então a faixa dava mais estabilidade e reduzia as chances de deslocar o polegar. Qualquer jogo em que eu não me machucasse era bom.

Eu me levantei para vestir o uniforme, coloquei a camiseta justa com o número 11 e o casaco de treinamento antes de vestir o short de tecido fino e macio.

O aquecimento no campo incluía alongamento seguido por passes de bola e treino de jogadas pela esquerda, pela direita e alguns *tackles*^[1]. Depois disso, voltamos ao vestiário, trocamos a roupa de treino pela de jogo e ouvimos as orientações finais de Sim.

Dez minutos depois, entramos em campo. Eu jamais me cansaria da sensação de frio na barriga naqueles primeiros instantes — a multidão cantando e torcendo, a antecipação de um grande jogo.

Eu me abaixei no gramado, tocando as folhas curtas, esfregando as mãos na terra — esse era o meu ritual, parte de me conectar ao campo de uma forma literal. Eu dizia para mim mesmo que isso me ajudava a pegar melhor os passes. Mas essa provavelmente era apenas mais uma superstição.

Os espectadores podem achar que o *rugby* é apenas mais um esporte violento e sem sentido, mas eles não poderiam estar mais errados. Noventa por cento da vitória está na sua mente. Você precisa saber que vai pegar aquela bola ou fazer aquele passe. Você precisa se sentir um vencedor para se tornar um. Você precisa acreditar em si mesmo para dar o seu melhor.

Parece simples, mas não é. É fácil deixar a dúvida entrar: *será que sou bom o suficiente? Será que vou conseguir marcar pontos? E se o jogador do outro time for melhor do que eu?*

A preparação mental é tão importante quanto a física.

E há os aspectos técnicos do planejamento tático do jogo. Nós planejamos e nos preparamos e jogamos o jogo umas cem vezes na nossa mente antes que o juiz apite o início da partida.

Assumimos as nossas posições antes do chute inicial. O juiz leva o apito aos lábios.

Nosso oponente dá o primeiro chute, a bola sobe aos céus, voando em direção das nuvens cinzentas. Foi um grande chute, a bola vai girando em direção à ponta. Dou um enorme salto, alcançando a bola no ar. A pegada foi limpa e quando meus pés encostam no chão, já estou correndo.

A defesa parte para cima de mim, e eu conseguia ver o muro de camisas azuis avançando, seus rostos determinados e duros. Tudo que eu podia fazer era correr rápido e procurar uma abertura, usar a minha agilidade e força para quebrar aquela linha.

Metade dos *forwards*^[2] parecia querer arrancar a minha cabeça. Se não amasse tanto aquilo tudo, eu largaria a bola e fugiria dali. Mas essa é a habilidade — não ser pulverizado.

Desviei de um jogador, afastei um segundo com uma das mãos, atingindo a mandíbula dele e fazendo o protetor de dentes voar longe.

A cabeça dele foi jogada para trás, mas eu já tinha passado por ele. Continuei correndo.

Eu quase podia sentir a respiração dos jogadores que me seguiam de perto. Ouvia o ofegar deles enquanto corriam e o som dos seus passos na grama.

Encontrei mais uma onda de energia enquanto eu corria na direção do *fullback* deles. Aquela era a última linha de defesa que eu precisava derrotar.

Olhei para a esquerda e para a direita para ver se tinha algum apoio, mas era apenas eu contra ele.

O que eu faço? Eu o derrubo ou desvio dele passando bem pelo meio?

Esse pensamento mal me ocorreu quando eu já tinha passado por ele, tudo aconteceu rápido assim.

A expressão no seu rosto enquanto eu corria dizia ‘você é um homem morto’! Mas eu não estava nem aí. *Perdeu, babaca!*

Corri em direção ao gol, saltei no ar e caí com um barulho surdo; quiquei na grama e fui escorregando até a linha como um verdadeiro Super-Homem.

Eu me levantei com a bola na mão, enquanto ouvia a vibração da torcida nos meus ouvidos. Com apenas 34 segundos de jogo, abrimos o placar com três pontos! *Caramba! Eu estava com tudo!*

O jogo continuou: lances rápidos; *scrums*^[3] brutais; corrida e gritos; sangue, lama e sujeira.

Nos minutos finais do jogo, ouvi o meu nome:

— O melhor jogador da partida, com patrocínio da Land Rover, é o número 11 do Finchley Phoenixes, Ben Richards.

A torcida gritou e aplaudiu, e eu me virei na direção de onde meus pais estavam sentados, embora não fosse possível vê-los a distância. Ergui a mão, acenando, enquanto voltava para a minha posição. Faltavam dois minutos de jogo, mas o placar podia mudar naqueles 120 segundos.

Tudo pareceu acontecer em câmera lenta, enquanto eu aguardava o som do apito. Eu conseguia ouvir os batimentos do meu próprio coração e o som do sangue correndo nas minhas veias enquanto corria pelo campo uma última vez. O juiz olhou para o relógio, fez uma pausa, aproximou o apito dos lábios. *Sobre logo a porra desse apito!*

Três...

Dois...

Um...

O juiz apitou e a torcida comemorou, começando a cantar a nossa música, *Heroes*, de David Bowie. Ganhamos o jogo com um placar de 23 a 16.

Caramba! Melhor jogador da partida!



CAPÍTULO 2

Eu ainda estava orgulhoso da vitória épica. Tinha sido um daqueles jogos em que me senti inspirado. Às vezes, embora seja raro, todas as jogadas saem exatamente com você imaginou, e tudo dá certo. Não acontece com muita frequência, mas foi o que aconteceu naquele dia, e me senti ainda melhor porque meus pais estavam assistindo. Eles não conseguiam ir a todos os jogos, nem mesmo os que eu jogava na cidade, então significava muito para mim o fato de eles estarem lá.

A apresentação do “Melhor jogador da partida” aconteceu na sede social do clube. Todos os patrocinadores vieram me cumprimentar e eu ganhei um relógio Tissot. Muito legal, e devia valer algumas centenas de libras. Fiquei feliz e surpreso — a última vez que tinha ganhado alguma coisa foi uma cerveja no bar do clube.

Meus pais estavam muito orgulhosos. Minha mãe pagou o maior mico com todas aquelas lágrimas. Meu pai colocou o meu relógio novo. Decidi comprar um para ele depois.

Então, eu estava de volta ao vestiário, deitado em uma das camas de massagem com Ru diante de mim, pronta para trabalhar o meu corpo cansado e desgastado.

As mãos dela deslizaram pela minha pele, ainda bronzeada por ter jogado na África do Sul um mês antes. Ela parou nas cicatrizes esbranquiçadas no meu braço.

— Rompimento de bíceps?

— Isso. Um *tackle* que saiu muito errado. — Suspirei lembrando-me do episódio que acontecera dois anos antes, quando tentei derrubar um grandalhão e ele quase arrancou meu braço com um puxão. Lição aprendida.

— Mandou bem hoje.

Fiquei surpreso, mas não sei bem o porquê. Ela estava trabalhando no time de *rugby* — é claro que ela se importava com o

jogo. Seja lá quais foram os motivos dela, foi legal ouvir as palavras.

— Valeu. Eu simplesmente segui a estratégia do jogo.

— É, mas você mandou muito bem, com rapidez e precisão. Você manteve a cabeça fria durante o jogo. Muitos jogadores perdem a calma por coisas pequenas. Que bom que você não faz isso.

Eu não sabia como responder a esse comentário. Eu não esperava que ela tivesse uma opinião formada sobre o jogo. Não que fosse admitir isso e arriscar a ouvir que eu era um babaca machista.

Tentei pensar em um comentário mais seguro.

— Onde você aprendeu sobre *rugby*?

— Meu pai jogava quando era criança no Brasil. Ele nasceu na favela. A maioria das crianças lá jogava futebol e queria ser como o Pelé, mas ele sempre quis jogar *rugby*. Ele jogava na praia de Copacabana e depois vendia bebidas para os turistas ricos. Ele sempre assiste aos jogos pela TV. Ele adora o Torneio das Seis Nações e torce para a Itália. — Ela deu uma risadinha. — Acho que ele acabou passando um pouco do entusiasmo dele para mim.

O seu entusiasmo está definitivamente passando para mim. Tentei ignorar o pensamento, mas não era nada fácil quando eu estava sentindo cheiro de coco — talvez do xampu ou de algum creme hidratante.

Pigarreei.

— Por que ele veio para a Inglaterra?

— Ele conheceu a minha mãe.

— Ah, tá. Um ótimo motivo.

Abri um dos olhos e vi que ela estava sorrindo para mim. Meu Deus, o sorriso dela emocionaria até os anjos.

Eu estava deitado de barriga para cima, eu tinha acabado de sair do banho e havia apenas uma toalha me cobrindo. Estava começando a me preocupar que notar o cheiro dela e o seu sorriso acabaria me causando problemas.

— Então, Ben, do que você precisa?

Nossa, era melhor ela parar de fazer esse tipo de pergunta.

Engoli em seco, tentando controlar meus pensamentos.

— Estou sentindo o quadríceps esquerdo e a virilha repuxarem um pouco por causa do jogo. Acho melhor dar uma soltada no músculo.

Mesmo enquanto as palavras saíam da minha boca, eu tinha certeza de que aquela não era a melhor ideia, mas falei assim mesmo, tratando-a como eu trataria qualquer outro fisioterapeuta.

— Você está meio tenso mesmo, seu quadríceps está

duro, assim como sua virilha.

— Desculpe — sussurrei, tentando relaxar.

Cara, ela não estava facilitando muito as coisas. Eu juro que estava sentindo os seios dela roçarem no meu peito quando ela se debruçou para me massagear, os dedos e a palma da mão pressionando a minha virilha.

Eu já tinha sido massageado centenas de vezes depois de um jogo por todos os tipos de terapeutas, mais velhos, mais novos, homens e mulheres. Sempre gostei disso, mas eu estava gostando um pouco demais dessa. Apesar da dor muscular, aquela massagem estava me deixando excitado.

Eu me esforcei muito para tentar manter a minha ereção sob controle, mas não estava conseguindo. Tentei pensar nos jogos e tentei pensar nos alvos do treino, mas estava me sentindo cada vez mais desconfortável, me mexendo na cama de massagem.

— Você está bem? Está se retesando de novo.

Porra, pode ter certeza que sim!

Uma parte de mim estava bem retesada e ficando cada vez mais dura. O fato de ela ter notado não estava ajudando.

— Eu estou bem — afirmei, com a voz um pouco aguda demais, como se tivesse levado um chute no saco.

Fechei os olhos com força e cerrei os punhos ao lado do corpo, tentando impedir que meu pau se oferecesse para ela.

Senti que ela fazia uma pausa e seu toque quente desapareceu.

— Pode virar de bruços agora — ordenou ela. — Vou massagear suas panturrilhas. Você disse que sentiu um pouco de câibra.

— Hum, eu só vou descansar um pouco aqui — retruquei.

— Nada disso. Tem outras pessoas esperando por mim.

— Eu sei! Só preciso de um minuto! — exclamei cada vez mais desesperado.

Se eu tentasse deitar em cima do meu pau duro, eu corria o risco de sofrer algum dano permanente.

Ou eu teria que esperar ele amolecer — o que levaria um tempo — ou eu teria que deitar de um jeito muito engraçado, mas não para mim.

Seguiu-se mais uma longa pausa, então, com a minha visão periférica, eu a vi seguir até a cabeceira da cama de massagem. Dava para ouvir o farfalhar do seu uniforme e sentir o cheiro de menta e eucalipto do óleo de massagem. Cada fisioterapeuta escolhia o seu favorito, e esse era o dela.

Então, ela se abaixou e sussurrou no meu ouvido:

— Você não é o primeiro homem que eu já massageei,

Ben. Sei por que você não quer se virar.

Eu gemi.

— Desculpe, Ru! Aconteceu! Eu não consegui evitar.

A voz dela parecia estranha e eu não sabia se ela estava zangada comigo.

— Não se preocupe com isso, mas eu realmente preciso terminar a sua massagem. Você está... tenso demais.

Ela fez um som baixo que poderia ser um riso ou uma tossida.

Respirando fundo, comecei a me virar, apoiando-me no quadril e fechando os olhos com força.

Gemi. Para piorar ainda mais as coisas, Wes e Andy notaram e caíram na gargalhada.

— Benny está de pau duro!

Todo mundo começou a rir à minha custa, incluindo Ru.

Depois de um segundo, abri um dos olhos. Sim. A minha ereção estava à mostra. Ah, que merda! Ru estava olhando boquiaberta enquanto ria alto.

— Desculpe — sussurrei de novo.

Ela pigarreou.

— Tudo bem.

Eu deitei de bruços e foi a mais pura agonia.

Foi a massagem mais desconfortável que recebi na vida. E pareceu não acabar nunca.

Não voltamos a falar e, quando ela terminou de massagear os músculos da panturrilha, saiu sem dizer nada.

Minha pele estava quente e o granito sob a toalha não cedia. Olhei em volta e corri para o banheiro, peguei um monte de papel higiênico, arranquei a toalha e bati uma pensando em Ru passando a mão pelo meu corpo. Demorou menos de um minuto.

Meu Deus, eu era patético.

Depois disso, não a vi novamente por três semanas. Mesmo assim, não foi tempo suficiente para o constrangimento passar ou para o repertório de piadas Wes e Andy sobre o episódio acabar.

Filhos da puta.



CAPÍTULO 3

Mesmo que tivesse dado entrada para comprar o meu próprio apartamento dois anos antes, eu ainda passava muito tempo na casa dos meus pais.

Além de realmente gostar muito deles e valorizar todos os sacrifícios que fizeram por nós em todos esses anos, eu ainda via Paul todos os dias para fazermos seus exercícios de fisioterapia. Não que ele precisasse de mim para isso, mas era uma coisa que fazíamos juntos. Era o nosso lance. Ele reclamava e choramingava sobre tudo e me chamava de pentelho; eu o obrigava a fazer todos os exercícios duas vezes e dizia que nenhum garota iria querer ver aquela bunda magra.

Embora eu pesasse noventa quilos de pura massa muscular e ele fosse um nerd magrelo e cinco anos mais novo do que eu, nós éramos parecidos.

Meu pai tinha 1,79m e Paul não chegava a isso. Acho que ele se incomodava por eu ter mais de um metro e oitenta, o que me deixava na média dos jogadores de *rugby*. Mas tamanho não era documento, ou era isso que eu dizia para mim mesmo.

Nós dois temos o cabelo escuro e enrolado como o do meu pai, mas Paul tinha olhos azuis, enquanto eu puxei a cor dos da minha mãe, um tom estranho de castanho-esverdeado que parecia mudar de cor de acordo com a luz.

E como jogador de *rugby* e atleta, eu era todo definido. Ganhei cada gomo do tanquinho com muita malhação, muitos exercícios e um pouco mais. Eu malhava todos os dias — às vezes duas vezes por dia. É esse tipo de comprometimento que os atletas profissionais precisam fazer. Isso pode representar um sério impacto na sua vida social. Mas se você não se mantiver em forma, vai acabar cometendo erros e perdendo jogos ou até mesmo se machucar. Ou tudo isso. Além disso, meu contrato com o Phoenixes tinha uma

cláusula de nível “mínimo de condicionamento físico”: se eu ficar abaixo disso, perco meu emprego.

Paul era pele e osso. Daria para tocar xilofone nas costelas dele. Portadores de fibrose cística tinham um sistema digestivo ferrado. Nutrição era um grande problema para ele, que precisava de gordura e alimentos de alta caloria só para se manter saudável. O corpo dele não conseguia processar a comida de forma eficiente e transformá-la em energia como a maioria das pessoas.

A fibrose cística é uma doença progressiva, e cada ano que passava, eu o via ficar mais fraco, demorando mais tempo para melhorar das infecções pulmonares que acabavam com seu corpo. Doía ver aquilo.

Doía ainda mais saber que apenas metade de pacientes com FC passava dos quarenta anos de idade. Eu tentava não pensar nisso. Paul precisava muito de um transplante de coração e de pulmão, e o tempo estava se esgotando.

Quando eu era criança, costumava causar muitos problemas na escola: comportamento para chamar a atenção — era isso que minha professora dizia.

Meus pais passavam tanto tempo levando Paul a consultas e se preocupando com tudo que ele fazia, que eu acabava ficando meio de lado.

Também não ajudava muito o fato de meus pais discutirem muito também. Acho que ter um filho com necessidades especiais era muito estressante. Alguns casais se separam por causa disso; felizmente nossos pais encontraram uma maneira de continuarem juntos. Eu sabia que eles se estressavam e se preocupavam muito com ele.

A minha virada aconteceu quando meu professor de educação física me apresentou ao *rugby* — esporte que me deu um lugar para canalizar toda a minha energia.

Conforme fui crescendo, comecei a entender melhor todos os sacrifícios que nossos pais fizeram por nós dois.

Um dia, cheguei mais cedo do que o usual na casa dos meus pais porque tinha combinado de levar Paul à sua consulta no hospital e nós tínhamos que fazer seus exercícios primeiro. Também prometi a ele uma aula de direção no caminho.

Enquanto ele terminava o café da manhã, peguei as chaves do Volvo antigo dos meus pais, porque eu nunca ia deixar Paul dirigir o meu Porsche.

Era um carro idiota para se ter em Londres, onde o limite de velocidade era cinquenta quilômetros por hora em praticamente todas as ruas, mas eu amava aquele carro. Era um Porsche Boxster vermelho vivo, com 12 anos de uso e 120 mil

quilômetros rodados — e foi a primeira coisa que comprei quando assinei o meu contrato.

— Pode continuar sonhando, seu merdinha! — Ri quando ele sugeriu que fôssemos com o meu carro. — Eu amo mais aquele carro do que amo você, mano!

Então, ele estava dirigindo o Volvo, que mais parecia um tanque do que um carro.

Paul fazia aulas de direção desde os 17 anos, mas tinha que faltar a muitas aulas quando não estava bem, então não tinha feito a prova ainda. Talvez neste ano conseguisse.

Fiz uma careta quando ele passou a marcha arranhando e pisou no acelerador quando ainda estava em ponto-morto. Tentei não enfiar o pé pelo assoalho do carro para parar o carro ou puxar o freio de mão quando ele finalmente passou a segunda marcha. Isso teria sido péssimo. Àquela altura estávamos a uns trinta quilômetros por hora, mas parecia muito mais para mim, no carona.

Ele só esbarrou em alguns retrovisores quando passamos pelas ruas estreitas de casas vitorianas geminadas com fachada de tijolo vermelho, comuns naquela parte de Londres. Havia carros estacionados nos dois lados da rua, que definitivamente não tinha sido planejada para aquilo. Embora eu sempre me perguntasse o que teria acontecido se duas carruagens tivessem se encontrado na rua. Será que os cavalos andariam para trás?

De qualquer forma, o trânsito estava bem lento e um cavalo provavelmente teria sido mais rápido.

Pode acreditar, pensamentos aleatórios eram bem melhores do que ter uma ataque cardíaco provocado pelo medo.

Quando chegamos ao hospital, fingi enxugar o suor da testa, e Paul deu um soco no meu braço.

— Babaca!

— Punheteiro! — devolvi, rindo.

Ele saiu resmungando do carro, mas ficou bem feliz quando comprei um café com leite grande com xarope de avelã (dose dupla) e um *muffin* gigante de mirtilos. Fiquei com vontade de comer aquele *muffin*, mas me mantive religiosamente na dieta que o clube passou para todos os jogadores. Nada de *muffin* para mim — eu só roubaria uma mordida do dele.

Droga! Eu não podia fazer isso, não quando Paul precisava de cada caloria. Eu teria que comprar o meu próprio *muffin*. *Isso mesmo, eu ia viver perigosamente.*

O trânsito estava tão ruim que chegamos bem em cima da hora. Paul ainda estava levando o café e o bolinho enquanto seguíamos para o hospital para sua consulta.

Comi o meu com duas mordidas, mas ainda tinha

metade do café para tomar.

Tínhamos acabado de passar pela entrada principal, e Paul tinha dado uma grande mordida no seu *muffin*, quando eu a vi.

Meus olhos quase saltaram do meu rosto quando vi Ru sem uniforme. Acho que eu talvez tenha gemido quando vi a minissaia vermelha e botas até o joelho que ela estava usando. Mesmo sendo bem baixinha, ela tinha pernas maravilhosas, musculosas como as de uma dançarina.

Paul acompanhou a aproximação dela com expressão sonhadora até ela parar bem à sua frente. Seus olhos se desviaram nervosamente e ele olhou para mim. Notei que havia migalhas no seu queixo e a boca estava suja de mirtilos. *Mandou bem, irmãozinho.*

Ele parecia meio assustado.

Por causa de sua doença, Paul não tinha muita experiência com mulheres — ele era mais um apreciador.

— Oi!

— Hum, oi — cumprimentei surpreso por ela falar comigo.

Eu achava que ela não gostava muito de mim, mas agora estava sorrindo, aguardando que a apresentasse para o meu irmão.

— Ah, certo. Este é Paul. Meu irmão.

Ru sorriu e estendeu a mão. Tive que cutucar Paul nas costelas antes de ele perceber que ela queria apertar a mão dele. As orelhas dele ficaram vermelhas quando aceitou o cumprimento e não soltou mais.

Será que ele poderia ser mais desajeitado? Ah, espere, isso é mal de família.

Senti vontade de arrancar o braço dele e usá-lo para lhe dar um tapa.

— Acho que ela quer a mão dela de volta agora — comentei, fazendo Paul enrubescer ainda mais.

Ru me lançou um olhar frio, voltou e deu um sorriso maravilhoso para Paul.

— O seu irmão está sendo babaca, mas acho que ele não consegue evitar. E já que ele não disse para você o meu nome, eu vou me apresentar. Eu sou Ru, uma das fisioterapeutas em Hangar Lane. Prazer em conhecê-lo, Paul.

Ficamos ali parados, como um par de marionetes, eu com a boca fechada e Paul totalmente boquiaberto.

Que bela dupla de idiotas.

Ru parecia estar tentando segurar o riso.

— O que você está fazendo aqui? — consegui perguntar, por fim, parecendo ainda mais babaca.

Ela abriu um sorriso debochado.

— Exame de DST. Você?

Paul engasgou com a bebida. Em vez de rir, eu imediatamente entrei no modo automático, peguei a bebida dele e a coloquei em uma mesa, tentando fazer com que sua respiração ficasse estável. Ele estava bem e isso não demorou muito; ele estava mais constrangido do que qualquer outra coisa.

— Está tudo bem? — perguntou Ru, cautelosa.

Paul assentiu, enxugando os olhos sem olhar para ela e tomando outro gole da bebida.

Ela se virou para mim, com olhos inquisidores.

Pigarreei.

— Está tudo bem. Ele está bem.

Paul falou baixinho:

— Eu tenho fibrose cística. Você é fisioterapeuta, então acho que sabe o que isso significa.

Ela assentiu devagar, seus olhos escuros gentis e pensativos.

— Isso significa que você pode comer quantos *muffins* você quiser sem ter que se preocupar com o tamanho do quadril.

Paul deu um sorriso tímido, aliviado por ela não lançar o olhar de pena ou dizer que sentia muito.

Em retrospecto, acho que foi naquele momento que eu me apaixonei por ela. Mas eu era burro demais para perceber na hora.

Ela se empertigou e olhou para mim, um sorriso iluminando seu rosto.

— Acho que a gente se vê no clube.

— É. Até mais.

— Tchau, Paul. Coma um *muffin* por mim.

Ela se afastou, o cabelo balançando às suas costas, mas meus olhos estavam fixos na bunda dela, durinha e gostosa.

Bem quando ela estava abrindo a porta para sair, ela se virou e disse por sobre o ombro:

— Eu estava brincando sobre os exames de DST!

E, então, deu uma piscadinha.

Abri um sorriso enquanto ela desaparecia na rua.

Quando olhei para Paul, dei uma cutucada nele. Não queria que ele engasgasse de novo.

— Você está babando.

Ele assentiu.

— Eu sei. Você também.

O que era verdade, só que eu era um pouco mais sutil em relação a isso.

— Caramba, mano, ela é gata! Como é que você nunca comentou nada sobre ela?

Encolhi os ombros.

— Ela nunca me deu a mínima antes. No dia que a gente se conheceu, ela me deu o maior fora por eu ter tentado defendê-la de Wes e Andy.

Paul riu.

— Não me diga que você tem medo dela?

— Cara, ela pode passar as mãos pelo meu corpo quando estou praticamente pelado. Ela pode causar sérios danos se eu a deixar com raiva.

Ele suspirou.

— Que sorte a sua. Eu daria tudo para ter uma garota como ela passando a mão pelo meu corpo ou só conversar comigo.

Ele estava com uma expressão triste, então segurei a provocação que pensei em fazer. Paul quase nunca reclamava de toda merda que ele tinha que aguentar, mas eu sabia que às vezes tudo aquilo era demais para ele. E eu não o culpava: todos os remédios, toda fisioterapia, toda dor, sabendo que se ele chegasse aos quarenta anos, estaria ganhando todas as apostas.

A vida dele era muito difícil e havia muito pouco que eu pudesse fazer para ajudá-lo.

Seguimos em silêncio para a consulta dele.

[1] Jogada que intercepta o avanço do jogador adversário.

[2] Jogada de ataque / Atacante.

[3] É um método de reinício de jogada no rugby, onde os jogadores dos dois times se juntam com a cabeça abaixada e se empurram com o objetivo de ganhar a posse de bola.



CAPÍTULO 4

Ru ficou diferente comigo depois daquele dia. Mais amigável. Quando a encontrava no clube agora, ela sempre me cumprimentava e nunca se esquecia de perguntar sobre Paul.

Com essa mudança de atitude, decidi convidá-la para sair. Mas conseguir encontrá-la sozinha para isso não era nada fácil. Os dias se passavam e tudo que eu conseguia era um sorriso, uma piscadinha ou um jogada charmosa do seu rabo de cavalo.

Eu não sabia bem o que pensar. Será que ela gostava de mim ou será que me considerava apenas um amigo? Só havia um jeito de descobrir.

Fiquei no clube até mais tarde do que o usual naquele dia porque eu vinha conversando com a equipe de marketing sobre a possibilidade de fazermos um evento beneficente para conseguirmos doações para o Fundo de Fibrose Cística, uma instituição que a minha família apoiava. A administração ainda não tinha dito que sim, mas também não tinha dito que não. Eles geralmente preferiam apoiar instituições beneficentes que tinham alguma ligação com o esporte. Eu tinha feito o meu melhor discurso, falando sobre como exercícios eram importantes para portadores de FC, então ainda tinha esperanças. Palavras não eram o meu lance.

Mas eu também sabia que a administração gostava que os jogadores se envolvessem no trabalho de relações-públicas, então essa seria uma ótima oportunidade para o clube. Pelo menos era o que eu esperava.

Avistei Ru entrando no escritório de fisioterapia, carregando um monte de pastas.

Abri a porta para ela e fui brindado com um sorriso caloroso.

— Valeu, Ben.

— Imagina.

— Como vai o seu irmão?

Eu não queria falar sobre ele, mas se ele era a porta de entrada para eu conhecê-la melhor, eu também não ia dizer não. E que mais eu poderia fazer?

— Ele está bem, obrigado por perguntar. Então... Eu estava pensando se você gostaria de sair para tomarmos um drinque algum dia desses.

Ela encolheu um dos ombros de forma indiferente.

— Eu não bebo.

— Ah... — Fiquei sem saber o que dizer.

Eu não estou sendo metido nem nada, mas garotas não costumavam me dispensar. Tudo bem, talvez um pouco metido.

— Mas podemos tomar um café depois do trabalho — continuou ela com um sorriso. — Estou indo agora para o Costa para tomar um café com leite e baunilha e comer uma fatia de bolo. Quer vir comigo?

Eu estava confuso. *Não, ela não queria sair para tomar um drinque comigo, mas agora ela estava me convidando para tomar um café?*

— Hum, tá, vamos lá. Ótimo.

Coei a cabeça, perguntando-me como aquela conversa tinha acabado com ela me convidando para sair.

Enquanto ela seguia para pegar seu casaco, voltei a mim e a ajudei a vestir um *trench coat* vermelho, que ela ajustou o cinto para mostrar a cintura fina e os seios grandes. Ela não tinha trocado o uniforme antes de voltar para casa, mas quando já estávamos saindo do escritório, soltou o rabo de cavalo e sacudiu o cabelo comprido. Senti o cheiro de xampu de coco, fechando os olhos para apreciar melhor.

Tudo naquela mulher me atraía.

Deixei meu carro no clube enquanto seguíamos para a cafeteria. Não era longe e todos os jogadores frequentavam o lugar para conseguir suas doses de cafeína e, ocasionalmente, um pouco de açúcar com doces e tortas que não deveríamos comer. Nenhum valor nutricional, mas tinham um gosto muito bom.

Enfiei a mão no bolso e fui caminhando pela rua, minha respiração condensando no ar frio da noite já que a temperatura tinha começado a cair.

— Estamos apostando corrida? — perguntou Ru, ofegante.

Percebi que ela estava praticamente correndo para me acompanhar e diminuí o passo na hora.

— Foi mal.

— Tudo bem, mas não se esqueça dos baixinhos. Nem todos nós fomos feitos para o campo de batalha.

— Você sabe muito bem disso — provoqueei. — Já que sempre me vê pelado.

Uma mulher que vinha na nossa direção ergueu as sobrancelhas, fazendo Ru rir alto.

— Caraca! Eu deveria ter feito alguma piadinha sobre não reconhecer você vestido!

Eu ri e olhei para ela.

— Mas isso não é justo. Eu nunca vi você sem roupas.

— Pode ir sonhando, Romeu. Vamos ver como esse encontro vai ser antes de eu tomar a minha decisão.

— Ah, estamos em um encontro?

— Nós estamos saindo juntos para comer. Então, sim, eu diria que é um encontro. E só para deixar claro, você vai pagar. Jogadores titulares ganham bem mais do que nós, reles mortais.

Ela pediu o maior copo de café com leite com baunilha que eles tinham, praticamente uma tigela de sopa, e uma enorme fatia de bolo de cenoura. Eu pedi um suco de laranja e uma fatia de bolo integral de banana.

— Talvez você seja um mortal — declarou ela, observando enquanto eu colocava um pedaço de bolo na boca.

— Se eu pudesse ter um superpoder, eu escolheria ser invencível — disse eu, tentando não cuspir migalhas enquanto falava. — Eu já me machuquei tanto, que seria incrível não passar mais por isso.

Ela deu um sorriso gentil.

— Ah, definitivamente mortal. É, eu sei. Eu vi as cicatrizes.

Ela enfiou um grande pedaço de bolo de cenoura na boca, quase deslocando o queixo, enquanto fechava os olhos de prazer.

Queria ter colocado uma calça jeans hoje mais cedo. Pelo menos o jeans disfarçava uma ereção. Com a calça de moletom, o meu estado ficava bem óbvio. Meu Deus, que mulher!

Fui obrigado a desviar o olhar enquanto ela lambia os lábios, sua língua passando pelo creme de manteiga que ficou nos cantos da boca.

— Então, fale um pouco sobre você, Ben. Agora que eu sei que você não é um babaca completo.

— Ah, e como você sabe disso?

Ela revirou os olhos.

— Porque eu não saio com babacas. Agora, desembuche. Eu quero todos os detalhes gloriosos de Ben Richards.

— Hum... Bem... Você já conheceu o Paul. Ele é cinco anos mais novo do que eu. Ele mora com meu pai e minha mãe em East Ham. Eu comprei um apartamento perto deles. Jogo *rugby* profissional e isso é tudo.

Ela franziu a testa e meneou a cabeça.

— Você não é muito bom nisso. É isso que você fala para os jornalistas?

Senti o rosto queimar. Eu não era nada bom em falar sobre mim mesmo. Entrevistas tendiam a ser uma experiência dolorosa. Eu ficava tentando encontrar alguma coisa inteligente para dizer e, então, os jornalistas acabavam escrevendo merdas do tipo “um homem de poucas palavras” ou “suas jogadas falam por ele”. Um deles chegou a escrever que eu devia ter “levado muitas pancadas na cabeça para conseguir falar um frase inteira”. Filho da puta.

Ru estava me observando e sua expressão se suavizou enquanto recostava na cadeira.

— O que você ouve quando está se preparando para um jogo?

— Música.

— Sério? Achei que era o som de baleias acasalando. Acasalando, sacou? — Ela deu uma gargalhada, enquanto eu erguia as sobrancelhas. — Tá, esquece. Que tipo de música?

— Música eletrônica. Para ficar ligado.

Ela assentiu, mas não pareceu impressionada.

— E de que tipo de música você gosta, Ru?

Ela jogou o cabelo para trás e olhou para o teto, pensando.

— Gosto de um monte de coisas. Katy Perry, Taylor Swift...

— Música de mulherzinha?

Ela jogou o guardanapo em mim.

— Não! Eu gosto de todo tipo de música. Acho Rag’n’Bone Man bárbaro. Gosto de alguma coisa de Justin Bieber no início da carreira. Curto as músicas brasileiras que meus primos mandam para eu escutar. Meu pai sempre toca músicas de Villa-Lobos e Cláudio Santoro. Você conhece?

Neguei com a cabeça.

— Eles são legais se você curte esse tipo de coisa. E quanto ao funk carioca?

Neguei novamente, sentindo-me ignorante e sem saber o que fazer.

Ela apontou o garfo para mim, espalhando migalhas pela mesa.

— Bem, existem muitos lugares em Londres para ouvir músicas diferentes. Você tem ritmo, Ben?

Eu levantei as sobrancelhas e abri o meu melhor sorriso.

— Eu mando bem.

— Aposto que sim!

Ela riu ainda mais, sem nem notar que as pessoas estavam olhando para ela, atraídos pela energia e alegria de viver que ela emanava. E talvez porque ela fosse bem escandalosa também.

— Tudo bem, então. Eu vou sair com você em um encontro.

Isso chamou a minha atenção, mas tomei um longo gole do meu suco antes de falar alguma coisa.

— Eu não disse que queria que você saísse em um encontro comigo.

Ela encolheu os ombros.

— É claro que você quer. Você não estaria aqui se não quisesse.

Ela me pegou bem ali. Eu não estava acostumado com mulheres tão confiantes. Ou será que “mandonas” era a palavra que eu estava procurando?

— Então, você decidiu que ia sair comigo com base no fato de eu gostar de bolo integral de banana e ouvir música eletrônica?

Ela deu outra risada.

— Não, seu bobo! Eu decidi ter um primeiro encontro com você quando vi como você é carinhoso com seu irmão. — Ela ficou séria. — Você é legal, Ben.

Fiquei mais vermelho e ela riu.

— Você também fica muito sexy de sunga. Eu escuto a música *Sexy Beast* tocar na minha cabeça quando você começa a tirar a roupa.

Fiquei boquiaberto.

— Sabe? — disse eu, por fim. — Isso não é nada profissional da sua parte.

— Verdade — concordou ela, assentindo. — O meu comportamento é completamente inaceitável. — Ela se inclinou para mim. — Mas foi você que ficou de pau duro enquanto eu estava fazendo uma massagem em você.

Fechei os olhos e fiz uma careta.

— Você nunca vai me deixar esquecer disso, não é?

Ela riu e deu uma piscadinha.

— Jamais.

Para esconder o sorriso, olhei pela janela e vi que já tinha anoitecido e as luzes da rua estavam acesas. Estávamos ali havia mais tempo do que eu imaginava.

— Quer comer comida de verdade? — perguntei.

Ela franziu o nariz.

— Você está me convidando para jantar?

— Hum, acho que sim.

Ela bufou.

— Bem, é melhor fazer as coisas direito, então.

— Como assim?

Ela meneou a cabeça diante da minha total falta de jeito.

— Tipo assim: “Querida Bruninha, luz da minha vida, aceite jantar comigo ou o meu mundo será um lugar sombrio e miserável”. Isso é muito mais romântico do que ser um machão e perguntar se eu quero comida. É claro que eu quero comida. Todos os seres humanos querem comida. Você está me convidando para jantar ou me oferecendo um saco de batata frita? Uma mulher precisa saber esses detalhes.

Ela era diferente. Eu devia ter ficado irritado, mas ela me fazia rir.

— Ru, minha incrível fisioterapeuta, será que você gostaria de levantar essa bunda gostosa da cadeira e jantar comigo em um excelente restaurante italiano em Camden?

— Bunda gostosa?!

Dei um sorriso charmoso para ela.

— Eu fiz errado?

— Não, está bom. Mas eu não posso hoje. Tenho um lance de família. Mas você pode vir comigo se quiser.

A voz dela soou desafiadora, e embora ela tenha dito “se quiser”, pareceu mais “se tiver coragem”. Mas eu só costumava fazer todo esse lance de conhecer a família quando era obrigado.

— Não estou vestido de uma maneira apropriada para conhecer a sua família — respondi olhando para a minha camiseta velha do Phoenixes e calça de moletom.

— Nós podemos parar na sua casa para você se trocar.

— Ah! Agora você está se convidando para ir à minha casa?

Ela riu.

— Meu pai diz que posso ser um pouco insistente.

— Um pouco? Acho que seu pai está sendo bonzinho.

— Então, você vem comigo?

— Você realmente quer que eu conheça a sua família?

— Claro! A gente já está saindo há quase uma hora.
Acho que já está mais do que não hora, você não acha?

Eu ri alto e ergui as mãos, rendendo-me.

— Tudo bem, vamos fazer isso. Vamos ver se essa
noite pode ficar ainda mais louca.

Ela se debruçou na mesa e me deu um beijo rápido na
boca.

— Pode ter certeza — sussurrou ela.

Eu realmente não sabia o que fazer com ela.



CAPÍTULO 5

— Por que você sempre enfaixa o seu tornozelo direito antes do jogo? — perguntou Ru do nada, enquanto voltávamos para o clube para pegar o meu carro.

Nunca ninguém tinha perguntado aquilo antes — acho que nunca ninguém tinha notado. Fiquei um pouco constrangido de admitir que era uma superstição minha, e que eu já fazia havia muito tempo.

— Foi por causa de alguma lesão antiga?

— Hum... Mais ou menos. Quando eu tinha 17 anos, torci o pé. Mas mesmo depois que melhorei, continuei enfaixando para dar um apoio extra. — Encolhi os ombros. — Acho que virou um hábito.

— Então o seu tornozelo não te incomoda mais?

Neguei com a cabeça e dei uma risada estranha.

— Como eu disse: hábito. Eu não sabia que você tinha notado.

Ela deu um sorriso de superioridade.

— Eu noto tudo em você, Ben. Nossa, estou parecendo uma *stalker* louca, que fica perseguindo alguém. O que quero dizer é que eu noto tudo em você de um jeito bem normal e nada estranho. Juro!

Eu não consegui evitar o riso e ainda estava com um sorriso nos lábios quando abri a porta para ela entrar no banco do carona.

— Será que dava para ser mais vermelho? — perguntou ela, rindo e criticando o objeto do meu orgulho e da minha

alegria. — Você sabe o que dizem sobre caras com carros chamativos...?

Ergui as sobrancelhas.

— Marcha grande e... dura?

Ela riu e balançou a cabeça. Depois começou a falar sem parar sobre o clube e os jogadores, imitando o discurso da vitória de Sim. Ela era tão engraçada que eu estava quase chorando de tanto rir enquanto dirigia pelos 15 quilômetros até a minha casa.

Eu estava tentando desesperadamente me lembrar em que estado tinha deixado o apartamento quando saí de manhã. Eu não era um relaxado completo, mas também não era muito organizado.

Eu tinha comprado na planta o apartamento de três quartos no sexto andar de um prédio novo em Docklands. Havia uma pequena varanda com vista para o Tâmis e um dos seus antigos ancoradouros, que agora era um lugar aberto para quem quisesse nadar — se a pessoa gostasse de água congelante.

Mas eu amava me sentar na varanda nas manhãs de verão segurando uma xícara de café em uma das mãos e a seção de esportes na outra, observando os barcos cortarem a corrente, com a comporta prateada do Tâmis brilhando à distância.

Quando estávamos juntos no elevador, eu estava extremamente consciente de como ela estava perto. Ela não falou, ficou olhando as luzes laranja dos números mudarem à medida que subíamos. Saímos em um corredor pequeno, Ru me seguiu até a porta e observou enquanto eu inseria o código de entrada.

Abri a porta e acendi as luzes, deixando-a entrar primeiro.

Ela sorriu quando viu fotografias da minha família no corredor, assim como fotografias minhas jogando pelo Phoenixes.

A sala de estar era pequena e praticamente toda ocupada por uma grande televisão de tela plana e um sofá de couro preto — perfeito para hibernar e fazer maratonas de séries nas raras vezes em que eu tinha tempo livre.

Na mesa de centro havia algumas xícaras com restos de chá, e peguei algumas camisas que estavam jogadas no chão enquanto eu passava.

Havia louça suja na pia da cozinha, mas nada nojento demais.

— Quer ver o meu quarto? — perguntei com um sorriso presunçoso.

Ela abriu um sorriso radiante.

— Claro!

Fiquei boquiaberto, tamanha foi a minha surpresa.

— Eu... Eu achei que você tinha um compromisso com

a sua família?

— Eu tenho. Mas nós temos... — Ela olhou para o relógio — uma hora.

A primeira sombra de incerteza anuviou seus olhos.

— A não ser que você não queira...

— Eu quero — respondi, caminhando na direção dela.

— Eu quero tanto...

Eu a pressionei contra a parede, largando as camisas pelo chão e beijando cada pedacinho da boca macia, a pele suave do pescoço, mordiscando o ombro, enquanto ela gemia e se esfregava em mim.

Então, ela se afastou, ofegante, dando um passo para trás, enquanto levava a mão ao peito.

Eu dei um passo na direção dela, enquanto ela continuava se afastando, com aquele sorriso sexy e lento na boca. Ela olhou por sobre o ombro e me chamou com o dedo. Como se eu fosse a algum lugar.

A parte de trás do joelho dela encostou no colchão e ela se deitou na cama, seu cabelo se espalhando como uma poça escura de seda. Fiquei sem fôlego enquanto olhava para ela. Ela era tão linda, sexy e confiante.

Então, pulei na cama, caindo bem ao lado dela enquanto ela dava um gritinho de susto e, depois de alívio, enquanto o colchão balançava.

— Oi — disse ela sorrindo.

Nossos olhares se encontraram e eu lambi os lábios enquanto ela abria a boca, sua respiração ofegante. Sentíamos a tensão sexual crescer. Ela estava presente desde a primeira vez que a vi, mas agora ela estava no meu quarto, seu olhar quente pousado em mim.

Puxei-a na minha direção, nossos corpos se encaixando. Ela não era a única ofegante. Meu coração estava disparado no peito e minhas mãos estavam suadas. Senti um frio na barriga, uma mistura de nervosismo, antecipação e excitação. Eu estava tão duro que o moletom estava começando a restringir o fluxo de sangue.

Mantenha a calma, disse para mim mesmo. *Não estrague tudo.*

Eu conseguia sentir o calor do corpo dela, mas ela também estava nervosa, o que me acalmou um pouco.

Mantenha a calma, Richards, você sabe o que está fazendo, você está no comando.

Como se eu pudesse estar no comando em alguma coisa com aquela mulher, mas dizer isso na minha mente me ajudou a

retomar um pouco do controle de que eu precisava.

Essa era a minha primeira transa depois de muito tempo no banco dos reservas. Eu queria causar uma boa impressão, uma impressão duradoura. Eu realmente gostava de Ru, muito mesmo.

Deslizei as mãos pelos quadris dela, subindo um pouco para puxá-la pela cintura, com força, para que o seu corpo ficasse pressionado contra o meu. Ela ofegou, seus olhos brilhando de desejo. Suas mãos, aquelas mãos fortes de massagista, deslizaram pelo meu peito enquanto eu a beijava.

Senti o seu coração batendo e sabia que o meu ecoava o dela, o sangue correndo nas minhas veias enquanto nossos corpos vibravam de excitação.

Perdi um pouco do controle que eu tentava manter, e passei a mão pelo corpo dela inteiro. A pele era macia e sedosa. Meus dedos eram ásperos e tortos por causa de inúmeras fraturas. Ela era pequena, delicada e cheia de curvas; eu era um gigante comparado a ela, fisicamente maior e mais forte. Mas, seja qual for o motivo, a soma das nossas diferenças só aumentava o fogo entre nós.

Tirei suas roupas, jogando-as no chão conforme nos movíamos juntos: mãos e bocas; dentes e língua.

Seus gemidos, aqueles sons tão sexy, me mostravam do que ela gostava, o que a excitava, fazendo com que eu ficasse em sintonia com ela e em sincronia com cada movimento do seu corpo, cada estremecimento, cada instante, toda a tensão que crescia dentro dela.

Parei por um instante para guardar aquele momento na minha lembrança: a pele sedosa de Ru, seu cabelo quase preto cobrindo seus ombros e braços torneados, seus seios incríveis em um sutiã azul-claro.

Ela levou a mão às costas e o abriu, jogando-o no chão em seguida, junto com o resto de suas roupas.

Meu pau latejou dentro da calça de moletom enquanto olhava para aquela deusa, tentando me lembrar que eu tinha 23 anos e não 13.

Um sorriso sacana se abriu no seu rosto e, devagar, bem devagarinho, ela abriu as pernas.

Inclinei-me para ela, acariciando suas pernas enquanto continuava a ler suas reações. Ela era muito sonora, e eu aprendia rápido. Usei minhas mãos e minha boca, fazendo a minha magia, sentindo-me um verdadeiro feiticeiro à medida que a respiração dela acelerava e saía em arquejos rápidos, e seus movimentos me enlouqueciam.

Os toques provocantes se tornaram mais urgentes e eu puxei sua calcinha, fazendo-a deslizar pelas pernas bronzeadas,

atirando a peça minúscula por cima do meu ombro.

Ela estava nua diante de mim e eu sentia o cheiro de sua excitação. O cheiro almiscarado provocou um silvo constrangedoramente alto de desejo em mim.

Passei os meus dedos ali, até pressioná-los dentro dela, deslizando devagar até chegar ao seu centro úmido.

Ela gemeu alto, quase levitando na cama e eu a segurei firme pelo quadril, beijando suas coxas macias.

Ru agarrou o meu cabelo e o puxou com força.

— Ben, por favor!

Mergulhei a língua dentro dela, circulando seu clitóris.

Eu conseguia sentir a pressão crescendo, cada gemido demonstrando o prazer doloroso enquanto a minha calça de moletom me prendia.

Ela gritou o meu nome de novo.

— Ben! Aaaaah!

Acelerei o ritmo, usando a minha língua e os meus dedos, e ela se retorcia e se revirava na cama.

Então arqueou as costas e seu corpo se contraiu em volta dos meus dedos em um ritmo suave.

Isso! Também conhecido como momento eureka, e eu sabia que eu estava com um sorriso convencido no rosto.

Levantei da cama e arranquei a calça de moletom junto com a cueca em um movimento único e rápido, sem afastar os olhos do lindo corpo deitado na minha cama, seus olhos fixos em mim enquanto ela sorria e se movia de forma provocante, convidando-me para me juntar a ela novamente. Tentei manter a calma, mas eu estava fervendo. Eu mal conseguia esperar para estar dentro de Ru. Eu estava duro e pronto. Acho que nunca estive tão pronto para alguma coisa na vida.

Peguei um preservativo na gaveta da mesinha de cabeceira e voltei para a cama, observando enquanto Ru fechava as pernas e segurava os seios, apertando-os e brincando com os mamilos. *Putá merda, que tesão.*

Quando me inclinei em sua direção, ela se afastou, ficando de joelhos enquanto pressionava as mãos no meu peito, seus olhos perigosamente animados.

— Minha vez — sussurrou ela.

Antes que eu me desse conta do que estava fazendo, ela me empurrou com força.

Rindo, deixei que me empurrasse até eu me deitar, permitindo que ela me dominasse e montasse em mim.

Com um sorriso sacana no rosto, ela pegou o meu pau

com as duas mão, fazendo-me ofegar.

Eu estava me segurando por um fio quando Ru se posicionou e foi se encaixando no meu pau, duro como uma pedra, descendo bem devagar enquanto nossos olhos estavam fixos um no outro.

Agarrei o quadril dela quando começou a acelerar o ritmo, juntos, em sincronia, com ela, comigo, com todos aqueles sentimentos que estavam crescendo dentro de nós.

Minha cabeça estava girando e não consegui pensar em mais nada enquanto eu era levado pela torrente de sensações.

Peguei os seios macios e firmes de Ru, fazendo-a arfar e arregalar os olhos.

Mais rápido, mais forte, sem afastar nossos olhares, as mãos de Ru estavam apoiadas firmemente no meu peito enquanto ela me montava, subindo e descendo pelo meu pau, provocando uma sensação que nunca tinha sentido antes. Cada movimento era um golpe de sensações, me levando à loucura.

Ru se inclinou, beijou o meu lábio inferior e depois o mordiscou.

Não consegui mais me segurar e gemi alto no momento em que explodi.

Quando abri os olhos, o rosto de Ru estava iluminado enquanto eu ainda pulsava dentro dela. Dei mais algumas arremetidas, mesmo quando meu pau começava a amolecer, e cada vez que fazia isso, ela sorria e beijava o meu peito.

Ela se debruçou mais em mim e seus mamilos roçaram no meu peito. Ru deu um riso suave e sussurrou no meu ouvido:

— Você fica sexy quando goza.

Essa fala deveria ser minha, mas eu não me importei.

Eu ri, meneando a cabeça.

— Você é incrível, Ru.

Ela sorriu e deitou a cabeça no meu peito, descansando, nós dois satisfeitos por estarmos naquele momento.

— Ben?

— Hã?

— Desculpe por ter chamado você de troglodita.

Abri os olhos e olhei a expressão de arrependimento de Ru.

— Você não é troglodita. Você é demais.

Então, ela ondulou o quadril e meu pau escorregou de dentro dela. Ela suspirou e respirou fundo.

— Mais cinco minutinhos e nós temos que nos arrumar.

piscadinha.

Eu não queria me mexer, mas olhei para ela e dei uma

mais.

Mais cinco minutos com Ru. Eu sempre ia querer



CAPÍTULO 6

Entramos no carro, sorrindo um para o outro, o cabelo úmido de Ru espalhando o cheiro de xampu.

A pele dela estava quente quando a toquei e a beijei de novo, antes de me afastar. Eu ainda estava tonto por tudo que tinha acabado de acontecer.

Toquei o rosto dela e senti seus lábios beijarem a palma da minha mão.

— Pronto para conhecer a minha família?

— Prontíssimo.

— Mentiroso! — Ela deu uma gargalhada.

— Tudo bem. Eu confesso. Preferia voltar pra cama com você.

Ela suspirou.

— Eu também. Mas a minha família está me esperando.

— Espere um pouco. Eles também estão me esperando?

Ela encolheu os ombros.

— Vou mandar uma mensagem de texto no caminho. Minha mãe não vai se importar. Ela ama todo mundo. Quanto mais gente, melhor.

— Quem mais vai estar lá? — perguntei, passando a primeira marcha.

— Todo mundo.

— Todo mundo quem?

Saí da garagem subterrânea e segui em direção ao

North Circular, uma pista de mão dupla que fazia parte das principais estradas de Londres e uma saída rápida dessa parte da cidade.

A família de Ru morava perto do clube, então o caminho era quase automático para mim.

— Minha mãe, meu pai, minha irmã, Bia, tia Roberta e tio Frank, Alyssa e Bev, meus primos. Minha avó Doroteia, vovô Harold e vovó Joyce.

— Minha nossa!

Ela abriu um sorriso.

— Muita gente?

— Eu estou acostumado a sermos apenas eu, meus pais e Paul.

— Você não tem avós? Primos?

Neguei com a cabeça.

— Não. Somos só nós.

Ela fez uma expressão maldosa.

— Então essa vai ser uma experiência totalmente diferente para você.

Mas no que eu fui me meter?

Ru tinha me convencido a usar uma calça escura e uma camisa de botão e manga comprida para aquele primeiro encontro, além de sapato social. Já fazia um tempo que eu não me vestia assim.

— A gente não se veste de forma casual — disse ela, depois de me convencer a me barbear. — Ah, e a gente se abraça. A não ser vovô Harold e vovó Joyce. Só pra você saber.

Quando finalmente estacionamos do lado de uma casa semigeminada com um jardim na frente, eu ouvi música assim que abri a porta do carro.

As cortinas estavam abertas e luzes brilhantes iluminavam o chão em frente a todos os quartos da casa. Pelas janelas, vi várias pessoas com bebida na mão enquanto conversavam animadamente, como se a festa já estivesse rolando há horas.

— Nós estamos atrasados? — perguntei.

— Só meia hora — respondeu ela. — Isso não é nada. Todo mundo costuma chegar atrasado. Então estamos na hora. Venha. Fique comigo e você não vai se machucar.

Ela riu e abriu a porta da frente com a chave. Fui imediatamente atingido por uma onda de sons: música, vozes falando alto, risos. Ai, meu Deus, o cheiro de comida fez a minha boca salivar.

Ru me deu um beijo no rosto, pegou a minha mão e me levou para a sala.

Um homem com cabelo escuro igual ao de Ru estava dançando com uma mulher mais velha que tinha cabelo castanho e o

corpo curvilíneo de Ru. Aqueles deviam ser os pais dela.

— Mãe, pai, este é o Ben. Sejam legais com ele.

Ela soltou a minha mão e se virou.

— Para onde você vai? — perguntei.

— Trocar de roupa! Não posso ficar de uniforme a noite toda. — Ela deu uma piscadinha para mim. — Vai ficar tudo bem. Eles vão te amar.

Ela saiu pela porta e eu fiquei sozinho com os pais dela.

Por favor, não perguntem por que nós nos atrasamos...

— Olá, Ben — cumprimentou a mãe dela, sorrindo e me dando um abraço caloroso. — Que bom conhecer você. Estamos muito felizes por você ter conseguido vir hoje. Ru nos contou tantas coisas sobre você. Como vai o seu irmão? Paul, não é?

Fiquei surpreso. Ru nunca tinha dado a entender que a família dela sabia alguma coisa sobre mim.

— Ele está bem. Obrigado. Está indo.

— E os seus pais? Também estão bem? Precisamos conhecê-los um dia desses.

— Hã... Tá.

Ru! Mas que diabos você andou dizendo para a sua família?

O pai dela estendeu a mão, e eu a apertei. Depois, ele me surpreendeu ao me puxar para um abraço e me beijar no rosto. Duas vezes.

— Espero que esteja cuidando bem da minha filha — declarou ele, com ligeiro sotaque e um tom um pouco acusador.

Pensei no que fizemos uma hora antes e me senti feliz por ele não ter a mínima ideia de nada daquilo. Ela tinha gozado três vezes. Será que isso contava como cuidar dela?

— Espero que sim, senhor — respondi em tom sério.

Ele estreitou os olhos, parecendo avaliar se eu estava debochando, mas eu não estava.

Eu estava a fim de Ru havia um tempo, mas, de alguma forma, aquele dia tinha mudado tudo e ela invadiu a minha vida. E não me importava — estava me sentindo bem.

Ru pareceu demorar uma eternidade para trocar de roupa, e conversei com todos os membros da sua família duas vezes, tive uma longa conversa com o seu pai e seu tio Frank sobre *rugby*. Os pais dela chegaram a dizer que eu poderia chamá-los pelo primeiro nome, Ilario e Fiona.

A irmã, Bia, que tinha dezessete, mas parecia 37, estava dando em cima de mim sem a menor vergonha, por uns 15 minutos. Ela me levou para um canto e ficou me despindo com os

olhos, chegando a se oferecer de forma bem direta.

Esperei que algum dos parentes me ajudasse, mas, logo depois, as duas primas, Bev e Alyssa reforçaram o ataque.

Eu me senti um daqueles antílopes em programas de vida selvagem que está prestes a ser atacado por um grupo de leões.

— Nossa, você é tão alto! E grande! Tipo assim, você não parece tão grande assim na TV.

— Hum, obrigado.

Dou uma risada rouca, enquanto penso em sair correndo.

— Você deve treinar muito.

— Pois é...

— Ru nos contou tudo sobre você. Mas não posso culpá-la...

— Hum...

— Você está com fome? Quer comer alguma coisa?

Por fim, Ru voltou e meu olhar se fixou nela.

O cabelo estava solto, descendo pelos ombros, escondendo e mostrando o vestido vermelho que marcava os seios, começava a se abrir na cintura e chegava até os joelhos. As pernas estavam à mostra e ela usava sandálias de salto alto que lhe deixavam uns dez ou doze centímetros mais alta.

Senti a boca salivar de desejo e o meu pau recebeu o recado, achando que estava prestes a entrar em ação de novo. Tentei fazer com que ele se comportasse, mas ele não queria ouvir. Rezei para ninguém notar. Meu pau estava tão duro que fiquei com medo de ele ficar com a marca do zíper da minha calça.

Ru veio rebolando na minha direção, parecendo uma modelo em miniatura. Estava de batom vermelho combinando com o vestido e sombra escura realçando os olhos, fazendo-os parecer puxados e sexy pra caralho.

Ah, sim, eu queria comer alguma coisa.

Ela sorriu quando me viu preso entre as mulheres da família e simplesmente caminhou na minha direção, abraçando e dando beijos em todo mundo.

— Então, o que acharam do meu namorado? — perguntou ela. — Gostoso, né?

— Muito! — exclamou Bev.

— Você é uma vaca de muita sorte! — provocou Alyssa, virando-se para ir embora.

— Namorado?

Ru me olhou de esguelha, parecendo se divertir.

— Se você se comportar direitinho. — E soprou um beijo.

Bia parecia mais relutante em nos deixar sozinhos, mas Ru era muito paciente com sua irmã, sorrindo enquanto ouvia as perguntas incessantes sobre mim, sobre *rugby* e sobre o clube.

Ficou mais do que claro que quase toda a família era formada por fãs fanáticos de *rugby*, o que era surpreendente e legal ao mesmo tempo. Só seus avós ingleses admitiram que preferiam o futebol, e todos começaram a sacaneá-los, mas eles levaram na esportiva, o que me fez pensar que aquilo era uma discussão antiga.

Finalmente, quando a noite já tinha seguido seu curso, e eu estava com tanta fome que senti o estômago colado nas costas, nós nos sentamos para jantar.

Olhei para Ru quando notei que a mesa tinha sido posta para 12 pessoas, como se estivessem me esperando desde o início.

Ru abriu um sorriso inocente e não disse nada. Com certeza eu ia lhe perguntar sobre isso mais tarde. E mesmo desconfiando que ela tinha me manipulado, eu não ligava. Eu estava exatamente onde queria estar, sentando ao lado da pessoa com quem eu queria estar.

Ela pegou a minha mão por baixo da mesa.

— Tudo bem? — perguntou ela com voz suave. — Sei que a minha família pode ser um pouco...

Dei um beijo no rosto dela e senti o cheiro do seu perfume.

— A sua família é ótima. E você também.

Pela primeira vez, ela enrubesceu e deu um sorriso tímido.

No final da refeição, eu já me sentia parte da família, e eles me tratavam como um filho pródigo que retornava ao lar. Eu nunca tinha visto nada como aquilo.

Sempre pensei na minha mãe como uma pessoa que gostava de abraçar, mas ela foi totalmente superada pela família de Ru. Sua avó Doroteia me abraçava sempre que passava por mim a caminho da cozinha ou voltando de lá com mais pratos, ou apertava o meu queixo e falava alguma coisa em português que fazia todo mundo rir, e as primas Bev e Alyssa acariciavam o meu cabelo e beijavam o meu rosto quando passavam por mim. Bia se aproximou e se sentou no meu joelho e me passou o braço pelo meu pescoço, e Ru apenas sorriu e revirou os olhos. Era um comportamento de azaração e diversão e, ao mesmo tempo, inocente também.

Ilario só observava tudo sem fazer nada, seus olhos brilhando, demonstrando que estava se divertindo com as travessuras da caçula.

Só Fiona veio me salvar, tirando Bia do meu colo para

que eu pudesse pegar os talheres e terminar o jantar.

Todos eles me perguntaram como era jogar para os Phoenixes, e Ru contou, cheia de orgulho, que eu tinha sido o melhor jogador da partida em um dos primeiros jogos da temporada.

Até mesmo os avós apaixonados por futebol pareciam interessados, e acabei prometendo que ia conseguir ingressos para todos no próximo jogo que acontecesse na cidade.

Fiz uma careta pensando em quanto aquilo ia custar. Sim, eu tinha direito a quatro ingressos gratuitos por jogo, mas não era o suficiente para todos ali. Mas acho que conseguiria cobrar alguns favores dos meus colegas. Ou talvez comprasse com o desconto de jogador. *Ah, foda-se — é só dinheiro.*

Ah, e o jantar continuou por umas três horas. Toda vez que eu achava que tinha terminado, outro prato aparecia na mesa e Ru colocava mais comida no meu prato. Por fim, tive que pedir para ela parar. Minha dieta tinha ido pelos ares, e eu teria que malhar por dias para compensar por todo o carboidrato que tinham acabado de me servir.

— É alguma ocasião especial? — sussurrei para ela quando todos pareciam ocupados, discutindo uns com os outros a plenos pulmões.

— Não, somos sempre assim. — Ela sorriu. — A gente não costuma ter reuniões de família com muita frequência. Tipo só uma vez por mês. Mas é sempre divertido quando fazemos.

— Hum. E quando você decidiu que ia me convidar?

— Quando você me convidou para sair para tomarmos um drinque hoje à tarde. Eu mandei uma mensagem de texto para minha mãe e disse que ia trazer um amigo.

— Ah, sério? E ela não se importou?

— Claro que não. Você está aqui, não está?

Assenti, sem entender direito.

— Você costuma trazer muitos homens à sua casa? — perguntei em tom casual.

Ela sorriu.

— Não.

O jantar finalmente terminou quando já era quase meia-noite. Serviram-me uma xícara de café forte do Brasil e, depois de mais uma sessão de abraços e beijos no rosto, Ru me acompanhou até a porta.

— Como você está, *Sexy Beast*? — Ela sorriu para mim e me abraçou pela cintura.

— Não sei. Parece que entrei em algum universo paralelo.

— Não. É só uma casa de brasileiros. Você vai ficar

bem.

Todos os vestígios do batom vermelho que ela usava tinham sido apagados durante a refeição, então, quando a beijei, foram apenas seus lábios quentes que encontraram os meus.

Minhas mãos escorregaram até a sua cintura, abaixando mais à medida que o beijo ficava mais profundo e intenso, até que eu estivesse segurando-a pelo traseiro generoso.

Ela suspirou na minha boca, passando os dedos pelo meu cabelo curto e se esfregando no zíper da minha calça, me deixando louco.

— Quando vamos nos ver de novo? — perguntei, rouco, todo meu sangue concentrado na minha virilha, fazendo com que falar fosse particularmente difícil.

— No trabalho. — Ru sorriu, sua pele quente e corada.

— Eu não estou me referindo ao trabalho.

— Eu não sei. Estou esperando o meu namorado me convidar para sair.

Abri um sorriso para ela.

— Eu posso fazer isso. Que tal domingo? Algum lugar tranquilo. — Ergui as sobrancelhas diante do barulho que ainda vinha da sala.

— Parece ótimo. Vou aguardar ansiosa.

Eu também.



CAPÍTULO 7

— Qual é o seu problema? — perguntou Paul na noite seguinte. — Você está estranho.

— Do que você está falando, pirralho? Estranho como?

— Com um sorriso bobo na cara e coisas assim. É assustador.

Sem olhar, joguei uma almofada na cabeça dele e mudei de canal. Meus pais tinham saído para uma rara noite a sós, então Paul estava lá em casa. Nós não chamávamos isso de serviço de babá, mas meio que era.

Era necessário muito planejamento para ele passar uma noite fora de casa: havia todos os medicamentos para levar; as vitaminas de alta caloria, um treco esquisito com sabor de banana chamado Fortisip que era como um milk-shake e um suplemento alimentar.

De qualquer forma, eu mantinha um monte de coisas dele na minha casa, e sabia que ele gostava de ficar longe dos nossos pais — eles às vezes eram um pouco sufocantes, principalmente agora que ele tinha 18 anos. Ele deveria estar saindo de casa para ocupar a vaga da faculdade de Química de Cambridge que lhe tinha sido oferecida, ou sair com uma mochila nas costas para conhecer o mundo ou arrumando o seu primeiro emprego. Em vez disso, estava condenado a continuar sendo criança, enquanto sua saúde se tornava cada vez mais frágil.

Ele jogou a almofada de volta e pegou o controle remoto, voltando para o canal do DVD.

Gemi. *Game of Thrones* de novo. Eu nunca curti muito, mesmo que a Rainha dos Dragões seja muito gata, mas Paul amava.

— Então, você vai me contar o que está rolando?

— Não.

— Você está sendo escroto, Ben — resmungou ele.

— Não mesmo! Eu até pedi pizza e estou deixando você assistir *Dungeons and Dragons*.

Ele segurou o controle remoto e me fulminou com o olhar.

— É *Game of Thrones*, idiota.

— Escroto — retruquei, pegando o controle remoto e segurando acima da minha cabeça.

— Babaca.

— Punheteiro.

— Olha quem fala!

Eu me distraí quando meu telefone vibrou, indicando uma nova mensagem, e Paul recuperou o controle.

Divirta-se com Paul.

Estou animada com o nosso encontro! É melhor você me impressionar.

Bj, Ru

— Por que você está com essa cara de idiota? — perguntou Paul, desconfiado.

— Não sei do que você está falando.

— É aquela garota, não é? A gostosa do hospital?

Demorei muito para negar.

— Merda, você está comendo a Ru?

Dei um tapa na cabeça dele e não fui muito gentil.

— Não fale assim dela.

Ele esfregou a cabeça, com uma expressão de total surpresa.

— Foi mal, cara. Eu não sabia que você gostava dela assim. — Ele fez uma pausa. — Ela pareceu ser bem legal.

— Ela é — respondi, seco.

— Há quanto tempo vocês estão saindo?

— Não tem muito tempo. — Cocei o queixo. — Quero planejar um encontro para impressioná-la.

Ele arregalou os olhos, tamanha foi sua surpresa.

— Você está a fim dela mesmo.

Eu nem me preocupei em negar.

— Estou.

— Uau.

Nós nos recostamos para assistir à série dele.

— Como é? — perguntou ele baixinho.

— O quê?

Ele encolheu os ombros franzinos.

— Como é... estar com uma garota como ela?

O fora que eu ia dar estava na ponta da minha língua, mas quando olhei para o meu irmão, ele parecia tão sério que não consegui fazer isso.

— É... ótimo. É assustador. É como estar em uma montanha-russa, mas sem saber quando a volta vai acabar. Ou melhor... sem querer que a volta acabe. Ru é... diferente. Ela é especial.

Ele olhou para as mãos, a pele esticada firmemente sobre os nós dos dedos ossudos.

Ele não parecia doente naquele dia, apenas magro — e mais novo do que os seus 18 anos. Ele nunca teve uma namorada. E o mais triste de tudo era que portadores de FC eram fortemente aconselhados a não se aproximarem muito um do outro por causa do risco de infecção em seus sistemas imunológicos comprometidos, então, ele não podia conhecer pessoalmente outras pessoas que ele conhecia na Internet e que tinham o mesmo problema que ele. Como faltava muitas aulas, ele não tinha amigos próximos. Meu irmão ficava muito isolado.

A família era tudo que ele tinha.

Eu levava meu papel de irmão mais velho a sério, mas a maior parte do tempo ele só queria alguém com quem passar o tempo. Que garoto de 18 anos quer ficar com os pais o tempo todo?

O mundo estava passando por ele, e ele era inteligente o suficiente para saber disso.

— Então, que tipo de encontro vai impressionar uma garota como a Ru?

— Observe e aprenda, irmãozinho. O mestre está trabalhando.

Ele riu e aumentou o volume.

— Você não faz ideia do que vai fazer, não é?

Descoberto.



Na manhã seguinte, depois que fiz os exercícios e a fisioterapia de Paul, saímos para uma corrida. Bem, eu saí para correr, ele veio comigo, agasalhado em um milhão de camadas de roupas e guiando a sua *scooter* ao meu lado.

A *scooter* era de um tom vermelho vivo, combinando com o meu Porsche e chegava a mais de dez quilômetros por hora. Paul amava a sua *scooter* do mesmo jeito que eu amava o meu carro, embora por motivos um pouco diferentes.

Ele já tinha a *scooter* havia um ano, e isso lhe deu muito mais liberdade do que jamais tinha tido antes. Sair juntos para a corrida matinal era algo que irmãos deviam poder fazer sempre.

Melhor ainda. Ele ainda levava um suéter ou um casaco impermeável extra para mim para o caso de o tempo virar.

Corri pela trilha perto do cais e ele ia atrás, quicando pelo calçamento irregular conforme continuávamos.

Ele parecia decidido que o assunto daquela manhã seria o meu encontro com Ru. Era divertido e irritante, na mesma medida, que meu irmão caçula, que nunca namorou na vida, se achasse um perito no assunto de onde eu deveria levar Ru.

— Que tal um piquenique em Hyde Park? Garotas costumam achar essa merda toda romântica, né?

— Estamos em novembro e está fazendo sete graus, seu idiota! Eu não quero matá-la congelada!

— Leve um cobertor.

— Não. Próxima ideia.

Paul me lançou um olhar irritado e acelerou um pouco para ver se eu acompanhava.

— Bem, você não teve nenhuma ideia até agora — resmungou ele.

— Tenho que dar comida para ela. Ela gosta de comer.

Ele negou com a cabeça.

— Não, garotas sempre estão de dieta. Bem, pelo menos as garotas da escola. Elas só comem uma folha de alface por dia. É tão chato.

— Ru não é assim. Aquela mulher gosta de comer. — E eu tinha uma lembrança incrível de quando ela lambeu o glacê e gemeu de prazer.

Eu tropecei e Paul teve que desviar para não me atropelar.

— Nossa, o que ela fez com você? Sugou seu neurônios?

Eu queria que ela sugasse mais do que meus neurônios, mas eu não ia dizer isso para o meu irmão.

— Bem, que tal aquela pizzaria em Ilford que papai costuma levar a mamãe?

— Você realmente acha que pizza vai impressioná-la? Você tem muito que aprender, cara. Tem certeza de que encontraram o seu cérebro na sua última tomografia?

— Vai se foder, babaca — disse ele em tom alegre, enquanto acelerava de novo.

Acompanhei o ritmo dele o tempo todo até chegarmos à nossa cafeteria favorita onde tomaríamos o nosso *brunch* de sempre.

Eu tomei suco de laranja, ovos *poché* em uma torrada de pão integral com bacon grelhado, mas Paul pediu o café completo: dois ovos fritos, duas porções de bacon, duas salsichas, tomate frito com cogumelos, pão na chapa e feijão. Todos os alimentos calóricos de que ele precisava, mas que seriam a receita para um ataque cardíaco para qualquer outra pessoa.

— Obrigado, Alesha. — Dei uma piscadinha para a garçonete enquanto ela colocava os pratos diante de nós.

— Imagina, Ben. Como vai, Paul? Curti esse cabelo despenteado em você!

E ela se afastou, rebolando, enquanto as orelhas de Paul ficavam vermelhas. Ele tinha uma queda por ela, mas provocá-lo em relação a isso seria como atirar em um peixe morto.

Comecei a comer, enquanto Paul mal parava para respirar durante a refeição.

— Tive outra ideia — disse ele com a boca cheia de ovo, que é tão nojento quanto parece. — Por que você não a leva ao Kart? Você disse que ela gosta de esportes, então acho que ela vai curtir isso.

Eu me recostei na cadeira.

— Acho que essa é uma boa ideia.

Talvez não para um primeiro encontro, mas para um programa divertido para o segundo. Eu não ia dizer para o meu irmão que eu queria que o meu primeiro encontro oficial com Ru fosse algo romântico, mas era exatamente isso que eu queria. Principalmente porque ela não devia esperar isso de um jogador de *rugby* cabeça-oca. Sim, eu já tinha sido chamado disso o suficiente, e não apenas pela minha família.

Nosso encontro tinha que ser algo que a surpreendesse. Talvez me surpreendesse também. Eu devia estar me preocupando com a minha dedicação a esse encontro.

Mas não estava.

Paul franziu as sobrancelhas.

— O que foi?

— Ben...

A voz dele estava estranha, o nervosismo fazendo com que ficasse mais aguda do que o normal.

— Hã?

— Se eu não conseguir, diga para o papai e para a mamãe que está tudo bem.

Congelei.

— Do que você está falando?

Ele baixou o olhar para a mesa de plástico, rasgando distraidamente o guardanapo.

— Eu sei que eles se sentem culpados — afirmou ele, olhando para mim. — Sobre a FC. Sabe, genes ferrados e tal...

Percebi aonde ele queria chegar e eu *realmente* não queria ter aquela conversa.

— Sei que você não quer ouvir isso — continuou ele, meneando a cabeça ao ver a minha expressão. — Mas eu preciso dizer isso. Só... não deixe a mamãe... não deixe que isso estrague a vida dela. Você sabe como ela é. E o papai. Eles são péssimos nisso. Eu estou piorando. Todos nós sabemos disso, mas ninguém conversa sobre o assunto. Só me prometa...

— Porra, Paul!

— Não, isso é sério. Se eu não sobreviver, você precisa olhar por eles. Não deixe que eles digam que a culpa é deles. Nem sua. A culpa não é sua nem de ninguém. Foi a merda da sorte. Mas você tem que me prometer que você não vai desistir e que não vai deixar que eles desistam... da vida. Se eu não estiver aqui. Eu não estou dizendo que estou desistindo, porque não estou. Mas ninguém quer conversar sobre isso, então eu estou dizendo para você, está bem? Prometa.

Olhei direto nos olhos do meu irmão, dando a ele a resposta honesta que ele não queria ouvir.

— Não posso prometer isso, Paul. Tudo que posso dizer é que prometo que vou tentar.

Ele suspirou e deu um sorriso cansado.

— Acho que isso vai ter que bastar.

Eu me recostei na cadeira.

— Você não vai se safar agora, maninho. Ainda está me devendo cinco pratos do nosso último jogo de pôquer.

Talvez eu fosse um covarde, mas não conseguia mais falar sobre aquilo.

Paul assentiu, e eu sabia que ele tinha entendido. Ele sempre entendia.



CAPÍTULO 8

Planejar o melhor e mais incrível encontro para Ru se tornou a minha obsessão.

Ela tinha lançado um desafio, sabendo que seria algo difícil de ignorar. Essa mulher seria a minha morte — mas que linda morte.

Mas antes, eu tinha um jogo que aconteceria fora da cidade, e ela não estava entre os fisioterapeutas escolhidos para viajar com o time, então eu não a veria durante boa parte da semana. E isso me daria um tempo para planejar o nosso encontro.

Pensei em fazer algo mais elegante e levá-la a algum restaurante chique, esbanjar um monte de dinheiro, usar o meu carro chamativo para buscá-la, e depois irmos dançar na *Annabel's*, a boate frequentada por todas as celebridades. O príncipe Harry costumava ir lá antes de se casar.

Mas quanto mais eu pensava naquilo, menos parecia provável que Ru fosse gostar daquele tipo de coisa, quanto mais ficar impressionada. Ela era uma mulher muito pé no chão, e essa era uma das coisas que eu mais gostava nela. Ela era próxima à família e levava seu trabalho a sério, mas também era um furacão de energia, sempre me surpreendendo. O que a surpreenderia? Acho que um jantar e algumas horas em uma boate não cumpririam o desafio. Mas o que cumpriria?

Não queria pedir a opinião dos meus amigos, porque eles me sacaneariam até dizer chega, além de espalhar a fofoca para repórteres do *News of the World*. Fazer parte de um time era como ter 25 ou 30 irmãos: caras barulhentos e irritantes que implicavam

comigo, mas sempre estavam lá para me defender.

O jogo era contra o Newcastle, o que significava uma viagem de sete horas no ônibus do time. Tínhamos Wi-Fi, então eu teria tempo de pesquisar lugares para levá-la. Mas a minha mente também estava no jogo. O Newcastle era um time duro e forte — derrotá-los não era nada fácil; na verdade, éramos considerados mais fracos. De qualquer forma, seria brutal.

O tempo também não estava ajudando muito. A chuva tinha virado granizo, castigando as janelas do ônibus enquanto seguíamos em velocidade constante para o norte. Isso significava que o campo estaria encharcado, enlameado e escorregadio no dia seguinte. Talvez até mesmo lama congelada. De qualquer forma, seriam condições ruins que deixariam o jogo mais lento e mais concentrado nos jogadores *forwards* do que na defesa e nos pontas, como eu.

Eram as condições de que eu menos gostava: frio e umidade, e um jogo longe de casa contra o time mais forte da liga.

Vamos nessa.

Horas mais tarde, quando eu estava deitado na minha cama do hotel que o clube tinha reservado para nós, enviei uma mensagem de texto para Ru.

Cheguei ao hotel. Fiquei no mesmo quarto que o
Wes :(

Ela respondeu na hora:

Putz, que azar! Com quem você andou tendo
problemas?

Sei lá. Será que posso entrar com uma ação de
estresse no trabalho? O cara é um babaca.

Na verdade, você adora ele.

Nada disso. Ele é escroto.

Irmãos até o fim! Vai, Phoenixes! Uhu!

Hehe. Tudo bem. Ele não é tão ruim assim. Estou planejando nosso encontro.

Por favor, me diga que você não pediu ajuda para o Wes!!!

Só se você quiser ir ao Spearmint Rhino para assistir algumas strippers?

Homens tirando a roupa?

NÃO!

Então, não estou nem um pouco a fim. É melhor esse encontro ser bom!

Sem pressão, então!

Vejo você na quinta, Sexy Beast! Bj

— Que cara de bobo é essa?

Tentei fazer uma cara séria, mas Wes já tinha me visto com sorriso idiota enquanto eu lia as mensagens de Ru.

— Alguma garota está enviando *nudes* pra você? — perguntou Wes, deixando a toalha molhada cair no chão, dando-me uma visão frontal do pinto e das bolas.

— Porra, Wes, por que você não se veste logo? — reclamei, mal-humorado.

— Qual o problema? Está se sentindo inferiorizado? — Ele deu risada. — Não se preocupe, cara. Nem todo mundo pode ser bem-dotado como um cavalo, um presente de Deus para as

mulheres.

Vinte e quatro horas com esse idiota seriam um teste sério do meu autocontrole, porque eu já queria amordaçá-lo.

— Então, mostre os peitos dela.

— O quê?

— A gata que está te mandando *nudes*. Ela tem peitos bonitos? Qualquer coisa acima do tamanho 44 está ótimo.

— Alguém já te disse que você é um imbecil?

— Já. — Ele coçou a barriga. — Então, você vai mostrar ou não?

Enfiei o celular no bolso e me recostei, colocando as mãos atrás da cabeça.

— Em primeiro lugar, eu não recebi nenhum *nude*. Em segundo, se eu tivesse recebido, não ia mostrar pra você. Em terceiro... sim, você é um imbecil.

Ele fechou a cara.

— Hum, alguém está sensível, hein? Eu mostraria *nudes* pra você, mano!

Ele conseguiu parecer magoado.

— Meu Deus, Wes! Fique esperto! Não mande *nudes*. Não mande fotos do seu pau! Nunca! Se esse tipo de foto vazar para a imprensa... Caralho! Você não se lembra do que aconteceu com Nick Renshaw e a mulher dele?

Wes parou, coçando o sovaco.

— Não.

Suspirei.

— As fotos foram publicadas. Nick ganhou uma suspensão e a namorada perdeu o emprego. Você não se lembra?

Diante da expressão vazia de Wes, balancei a cabeça e peguei o controle remoto.

— Veja se tem algum canal pornô — pediu ele.



Como eu tinha imaginado, foi um jogo difícil e perdemos de 37 a 32. Foi um placar apertado, mas não o suficiente. Era sempre difícil perder, ter que voltar às estratégias de jogo, tentando entender onde nós erramos e como poderíamos ter conseguido um resultado diferente.

Foi uma tortura massacrante, o que tornou as coisas ainda mais difíceis quando Sim Andrews, o nosso treinador, insistiu

que não poderíamos beber e não teríamos folga no dia seguinte. Ele nos queria de volta ao treino para nos recuperarmos e fazermos uma revisão do jogo.

Ouvi pelos primeiros vinte minutos, mas, depois, minha mente começou a vagar. Eu estava pensando no meu encontro com Ru.

Desisti de qualquer ideia de tentar impressioná-la esbanjando muito dinheiro. Não, eu queria impressioná-la fazendo alguma coisa diferente.

Uma das coisas de se morar em Londres é que sempre havia algo para se fazer, sempre algo novo para se ver. Morei na cidade a vida toda, mas eu acabava sempre indo aos mesmos lugares, principalmente porque eu precisava sempre estar no clube. Mas, para aquele encontro, eu ia expandir os horizontes.

Eu estava muito orgulhoso do meu plano.

Somerset House era uma construção enorme e antiga perto do Tâmis. Tinha uma galeria de arte lá, e já tinha sido usada como cenário de muitos filmes quando precisavam de uma locação para representar o Palácio de Buckingham ou algo do tipo. Algumas cenas dos filmes de James Bond tinham sido gravadas lá.

O pátio central era cheio de fontes modernas que foram espalhadas pelas áreas abertas. No verão, crianças e turistas se refrescavam nos jatos de água, mas, no inverno, eles funcionavam como um ringue de patinação. Só funcionava por dois meses, abrindo em meados de novembro, e estávamos na semana de abertura.

Achei que Ru talvez gostasse daquilo e comprei dois ingressos pelo meu celular e, depois, pesquisei lugares para levá-la.

Aconteceu de minha mãe me dar uma ótima ideia para isso.

Caras, se vocês estão lendo isto, eis uma dica preciosa: mulheres amam bolo. Não importa o tipo porque elas amam todos os tipos de bolo.

Ouvi minha mãe contando para uma amiga sobre essa casa de chá à moda antiga no Soho. Ela disse que os bolos de lá eram de outro mundo, mas que também serviam chá completo às quatro, algo tirado diretamente de *Downton Abbey*, sabe? Com toalhas brancas engomadas, sanduichinhos de pepino, bolinhos e geleia, e dez tipos diferentes de bolos em um suporte de três andares. Se eu estivesse escolhendo algo para mim, teria procurando um lugar com *curry* apimentado, mas achei que Ru talvez gostasse daquilo. Já que o Soho só ficava a uma caminhada de 15 minutos da Somerset House, achei que seria perfeito.

Depois disso, eu deixaria Ru decidir o que faríamos. Eu esperava que envolvesse sexo no meu apartamento, mas se não

rolasse, tudo bem também. Eu só queria passar tempo com ela.

E dormir com ela.

Mas principalmente, passar um tempo com ela.

Ah, merda. Eu queria as duas coisas.



CAPÍTULO 9

— Aonde estamos indo?

— É surpresa.

— Eu não gosto de surpresas.

— Gosta, sim. Foi por isso que você pediu para eu planejar o encontro, não foi?

Ru bufou e ficou olhando pela janela do carro, mas não conseguiu esconder o sorriso.

— Bem, você pode me contar agora — argumentou, jogando o cabelo comprido para trás do ombro enquanto olhava para mim. — Agora que estamos no encontro, não precisa mais ser uma surpresa. Já sei que não vamos a um restaurante porque você me disse para usar uma roupa casual. Quem se veste com roupas casuais em um primeiro encontro?

— Não vou contar nada, Ru. Então só aproveite o passeio. Além disso, você disse que o nosso primeiro encontro foi no Costa, quando tomamos café e comemos bolo.

— Você é muito mandão, sabia?

Dei uma gargalhada.

— Que beleza isso, vindo da mulher mais mandona que eu já conheci!

— Ah, dá uma dica de para onde estamos indo?

— Não.

— Fala sério! Só uma dica!

— Não.

— Beeeeeeeeeeen!

Sorri para ela. Não saber estava deixando-a louca da

vida e ela ficava linda quando estava irritadinha, como se fosse um filhote achando que está sendo brabo como um Rottweiler.

Embora eu não fosse cometer o erro de subestimá-la de novo — eu já tinha feito isso no primeiro dia que a conheci e ainda tinha as cicatrizes.

Jogadores de *rugby* são durões porque precisam ser. O jogo em si é duro. Ninguém passa por um temporada inteira sem sofrer alguma lesão. Ainda estou com dois dedos imobilizados por causa de uma queda no último jogo, e tive sorte porque foi só uma luxação e não uma fratura.

O vestiário é o lugar em que nos preparamos para um jogo e relaxamos depois. É o nosso lugar, sabe?

Então, qualquer pessoa que venha trabalhar em um clube de *rugby* tem que estar preparada para aturar todas as brincadeiras. E, com uma mulher bonita como Ru trabalhando lá, se ela tivesse demonstrado constrangimento por ver um cara exibindo suas partes íntimas para ela, não teria durado cinco minutos.

Alguns dos caras eram tipo, “Uhu” e arrancavam a toalha bem na frente dela, mas Ru tinha sempre uma boa resposta na ponta da língua e os mantinha sob controle.

Quando Wes derramou água na camisa dela “sem querer, querendo”, e ficou olhando para o peito dela, fazendo piadas de mau gosto sobre concursos de molhadinhas, Ru apenas deu um riso sarcástico.

— Sabe, Wes, eu tenho inveja de todas as pessoas que não conhecem você.

Ela era muito inteligente, Wes não tinha a menor chance.

Nem Ashley, quando bateu com a toalha molhada na bunda dela, sobressaltando-a, para depois convidá-la para sair.

— Se você fosse tão esperto quanto pensa, não chegaria a ter metade da esperteza que acha que tem.

Demorei dez minutos para explicar o significado disso para ele.

Não importava se eram homens ou mulheres, você tinha que ser capaz de aguentar as piadas.

Então, durante todo o caminho para chegarmos a West End de Londres, Ru continuava fazendo perguntas diretas e indiretas, chegando até a me ameaçar se eu não dissesse aonde estávamos indo. Ela estava louca da vida e eu amava o jeito que seu olhos brilhavam de diversão ou irritação — ou talvez as duas coisas.

Tive que ficar dando voltas antes de finalmente encontrar uma vaga em Covent Garden.

Também tive que dar uma lustrada nas minhas

habilidades românticas e me lembrar de abrir a porta como um cavalheiro, mas ela já tinha saído quando cheguei lá.

Seus olhos brilharam e ela parecia animada. Não consegui resistir e a puxei para um abraço, apoiando as mãos na sua cintura.

Ela me abraçou pelo pescoço, fechou os olhos enquanto nos beijávamos, um beijo doce no início e, então, como sempre acontecia com ela, o beijo ficou voraz e cheio de desejo.

Ela se afastou, com o rosto corado e a respiração ofegante no ar frio.

— Oficialmente o melhor encontro do mundo — declarou ela, dando outro beijo na minha boca.

Eu me senti um gigante, como se pudesse vencer todo um time sozinho.

Esta mulher...

Ela estremeceu um pouco e a envolvi com um braço, puxando-a para mim, quando começamos a caminhar pelas ruas movimentadas, passando por Covent Garden e seguindo para Strand.

Eu amava Londres assim. O final de tarde lançando sombras nas construções de pedras antigas e nos novos arranha-céus de vidro e aço. O sol descendo sobre o Tâmesa como uma bola de fogo e, a oeste, as estrelas começando a aparecer no céu arroxeadado. As luzes dos postes se acenderam de repente e todas as vitrines das lojas se iluminaram.

Nossa respiração condensava no ar frio à nossa frente, e Ru enfiou uma das mãos no bolso do meu casaco para esquentá-la.

Mesmo entre os milhares de cheiros de uma cidade, você ainda conseguia sentir o cheiro do inverno no ar.

— O que tem nesta sacola? — perguntou Ru, olhando para a sacola plástica que eu carregava na mão livre.

— É uma surpresa — respondi com voz séria, enquanto tentava não sorrir.

Ela ficou radiante.

— Mais uma? Eu já disse pra você que amo surpresas?

Dei uma sonora gargalhada. Eu nunca ficaria entediado perto daquela mulher. Manter o ritmo dela era um trabalho em tempo integral.

Quando atravessamos a Strand para seguir para Somerset House, onde o palácio real costumava ficar, táxis pretos e ônibus vermelhos enchiam as ruas, e multidões passavam apressadas pelas calçadas. Centenas, como nós, estavam indo à noite de abertura do ringue de patinação, mas só alguns tinham ingressos para patinar.

O arenito da grandiosa construção antiga com suas centenas de janelas, pilares e cúpulas estava banhado de luzes

multicoloridas, dando um toque de contos de fada ao lugar.

Os olhos de Ru brilhavam de alegria.

— Eu nunca vim aqui! — exclamou ela. — Não à noite com tudo iluminado! É tão lindo.

Eu não estava olhando para as luzes. Estava olhando para a expressão de admiração no rosto dela e para a beleza daquela mulher.

— Você já patinou no gelo? — perguntei.

Ela negou com a cabeça. Seus olhos cheios de animação.

— Nós vamos patinar?! Ai, meu Deus, que máximo! Não, eu nunca patinei no gelo, mas andava com patins de rodinha quando era criança. Não deve ser tão diferente assim, né?

Entreguei o meu telefone no quiosque para que os meus ingressos fossem verificados e, então, recebemos nossos patins. Os dela eram minúsculos comparados aos meus. Tudo nela era tão pequeno, a não ser o peito e a bunda, e isso a tornava a mulher perfeita, na minha opinião.

Ela lançou um olhar de dúvida para as lâminas dos patins.

— Como é que vou conseguir ficar em pé em cima disso?

— Vamos descobrir — sussurrei no seu ouvido, fazendo-a rir.

Quando começou a se levantar com os joelhos para dentro, e linda pra cacete, eu a puxei para o meu colo.

— Espere! Você esqueceu a sua outra surpresa.

Peguei a sacola e tirei um gorro cor de creme com cachecol e luvas combinando.

Coloquei o gorro sobre o seu cabelo e dei um beijo na ponta do seu nariz.

— Tenho que manter a minha garota quentinha.

Ela deu um sorriso maroto.

— Acho que consigo pensar em outras formas de fazer isso mais tarde.

Ponto!

Sorri e coloquei as luvas nas mãozinhas dela, antes de me levantar com ela no meu colo e carregá-la até o ringue.

Ela riu e gargalhou e deu um passo inseguro no gelo enquanto eu segurava sua mão.

Ela cambaleou, mas conseguiu deslizar alguns passos. Eu a acompanhei o tempo todo, admirado pela rapidez com que ela pegava o jeito da coisa. Seu equilíbrio e seus reflexos eram ótimos, como os de um atleta.

Nós patinamos em círculos lentos à medida que ela ganhava confiança e, depois de uma hora, estávamos deslizando a toda velocidade pelo ringue, e Ru estava patinando sozinha. As luzes brilhantes em volta do ringue banhavam o gelo de dourado e refletiam nos olhos dela.

Ela parecia tão feliz que senti meu peito se encher de orgulho. *Fui eu que coloquei esse sorriso no rosto dela. Fui eu que a deixei tão feliz assim.*

Quente e luminosa, cheia de vida, ela se sentou no banco de madeira enquanto eu desamarrava seus patins e os tirava.

— Isso foi demais! — Ela suspirou, encostando-se em mim, enquanto eu calçava meus Timberlands. — Estou morrendo de fome agora, então espero que você vá me alimentar!

Merda! Será que bolo era comida o suficiente? Será que é melhor fazer uma reserva em um restaurante? Será que o Pizza Express tem alguma mesa livre?

Ela deve ter sentido o pânico no meu rosto porque se empertigou na hora.

— O que houve? Eu estou sendo mandona de novo? Eu posso ser menos mandona...

Foi algo meio repentino e inesperado para mim, mas percebi que Ru não era tão confiante quanto aparentava. Parecia preocupada e chateada agora, e eu não podia aceitar isso no nosso encontro.

— Não, está tudo bem. Não é isso. Olhe, não planejei irmos a um restaurante porque achei que seria uma coisa muito comum... E você não tem nada de comum.

Quando eu disse isso, ela ficou radiante, como se tivesse se iluminado por dentro.

— Uau! Obrigada!

— De nada — respondi, dando um beijo na sua testa. — Mas eu planejei uma refeição. Bem, bolo, na verdade. Muitos bolos. O que você acha?

— Maravilhoso! Eu amo bolo! Acho que já falei isso!

Ela me deu a mão e senti a luva macia e quente contra a minha pele enquanto caminhávamos no meio dos pedestres noturnos em direção ao Soho, até pararmos em frente a uma loja pequena com uma vitrine maravilhosa de bolos. Ou melhor, esculturas feitas de manteiga, açúcar e cobertura.

Ru parecia querer lambar a vitrine, então rapidamente a guiei para dentro da loja.

A nossa mesa ficava no alto de uma escada estreita de madeira em um canto, mas com vista para a rua lá em baixo.

Havia mais bolos no andar de cima e Ru lançava

olhares cobiçosos para cada um deles.

— Ai, meu Deus! Todos parecem deliciosos. Não sei como decidir.

— Bem, pensei que poderíamos pedir o chá completo, com sanduíches, bolinhos e doces, mas se você preferir escolher bolo e mais bolo, e talvez um pouco mais de bolo, tudo bem para mim. Pode escolher o que você quiser. — Eu ri. — E qualquer coisa que não consiga comer agora, posso levar com a gente.

Ela ficou radiante.

— Você é o namorado perfeito!

— E tudo que precisei foi oferecer bolo. Estou chocado.

Ela deu um sorriso provocante.

— Bem, não foi só bolo.

Meu pau acordou em antecipação.

Ru gemeu de novo enquanto olhava a vitrine.

— Será que escolho bolo de *mocha* ou *gateau* de morango? Ou quem sabe um mil-folhas? Uau! Olhe este *éclair* de café! Não, espere, o que é aquilo? Selva? Nunca ouvi falar. Camadas de chocolate trufado com recheio de chantilly e creme de *zabaglione* com sabor de licor e frutas frescas. Uau! Vou querer esse! E... e posso pedir o *éclair* também? Eu sei, sou gulosa, mas não ligo! Eu amo comer! Sou louca por bolos! A culpa é sua por ter me trazido aqui, onde tudo parece divino.

Pedi o que ela queria e um bolo de cenoura para mim. Imaginei que se tivesse cenoura devia ser saudável. Pelo menos um pouco.

Quando o garçom chegou com os bolos, Ru o observou com a adoração que geralmente só Zayn Malik consegue, o filho da puta.

Franzi as sobrancelhas quando o garçom sorriu para ela, e ele logo entendeu o recado para cair fora. Mas Ru só tinha olhos para a bandeja de bolos e não notou a sutil troca.

No final, nós dividimos os bolos, o que significa que eu pude provar um pedacinho de cada um e Ru comeu o resto. Ela era tão pequena! Para onde ia aquilo tudo?

Ela respondeu essa pergunta dando um tapinha no traseiro.

— Não consigo evitar, todas as calorias que consumo vão para a minha bunda. Eu culpo a minha mãe. Eu definitivamente herdei o corpo dela, mas, por sorte, eu herdei o metabolismo do meu pai, caso contrário eu ia precisar de duas cadeiras para acomodar a minha bunda.

Eu ri e espirrei algumas migalhas, e ela sorriu para

mim.

Ficamos ali, sorrindo um para o outro, dividindo uma intimidade tranquila que era novidade para mim. Eu nunca tinha tido uma melhor amiga, uma colega. Por sorte, eu nunca tinha sentido atração por nenhum colega porque eles tinham barba e bafo de cerveja, o que não era nem um pouco atraente.

Terminamos as bebidas, café preto para mim, chocolate quente para ela, e conversamos tranquilamente até o garçom aparecer com a conta, indicando que o restaurante ia fechar e queriam que fôssemos embora.

Ainda era cedo, então perguntei a Ru o que ela queria fazer em seguida.

— Passear por Londres em um ônibus de dois andares! — exclamou ela, animadamente. — Vamos bancar os turistas! Eu nunca fiz isso antes.

Caminhamos entre as pessoas, aproveitando a iluminação de Natal que decorava a maioria das ruas, passamos pelo Theatre Royal na Drury Lane, onde as peças eram apresentadas desde 1660. Eu sabia disso porque Ru me disse, enquanto lia a informação em um aplicativo do seu celular. Passamos pela igreja St. Martin-in-the-Fields, e pela National Gallery que foi construída sobre um antigo cemitério, e pegamos um ônibus vermelho de dois andares na Trafalgar Square, olhando para o enorme abeto no centro, um presente da Noruega, nosso grato aliado na Segunda Guerra Mundial.

Ru exclamou diante da iluminação de Natal quando atravessamos a Regent Street, passando pelo shopping e pelo Palácio de Buckingham. Olhamos em silêncio para o Green Park à noite e tentamos adivinhar quem estava na limusine que bloqueava a rua na frente do Ritz Hotel.

Eu achava que conhecia Londres por ter morado ali a vida toda, sem dar o devido valor, talvez, mas ver a cidade com Ru foi diferente, especial.

Acima de tudo, eu amava o jeito que ela se encostava em mim, aconchegando-se no meu peito como se eu pudesse protegê-la de todo mal do mundo. E, meu Deus, eu queria poder.

Eu sentia um forte senso de proteção em relação àquela mulher.

Eu estava me apaixonando de forma rápida e forte.

E não estava nem aí.

Nem aí mesmo.

— Que noite maravilhosa — declarou ela em tom suave, seus olhos brilhando enquanto o vento frio soprava o cabelo em volta do seu rosto. — Amei tudo. Muito obrigada.

Suas luvas passaram pela minha nuca, puxando-me

para ela, e nós nos beijamos, no alto de um ônibus de dois andares, enquanto flocos de neve começavam a cair à nossa volta, prendendo-se ao cabelo escuro de Ru e brilhando ali, como diamantes, antes de derreterem.

Será que alguma coisa poderia ser tão perfeita de novo?



CAPÍTULO 10

As semanas voaram e senti como se estivesse vivendo uma vida acelerada.

Havia essa energia louca e adrenalina à minha volta: nada me cansava. Era o tipo de barato que os viciados buscavam, mas estar com Ru era o maior barato de todos.

Eu estava morrendo de medo, mas aproveitando demais para pensar em fugir.

Durante os treinos, eu estava intensamente focado e comprometido de um jeito que era novo e diferente para mim, impressionando muito Sim Andrews. Todas as sessões de peso, todas as sessões no campo, todos os jogos, todos os segundos de cada minuto de todos os dias, eu estava treinando e trabalhando no meu máximo.

Durante os jogos, eu era um animal. Eu partia atrás de todas as bolas, fazendo pontos insanos. Cada arremesso que pegava, cada passe que dava, cada jogada que eu fazia, tudo saía perfeito. Cada chute era genial. Cada obstrução, precisa. Eu estava estimulado, vivia e respirava o esporte. Parecia que tudo estava em alta definição. Era uma loucura, completamente irreal. Nenhum jogador era perfeito; nenhum jogador tinha jogos perfeitos — mas parecia que eu era incapaz de errar.

Até mesmo os jornais notaram Ben Richards. Colunas inteiras que antes eram totalmente dedicadas ao futebol de repente começaram a cobrir o *rugby*. Paul ria e me dizia que eu tinha ganhado um novo apelido da imprensa inglesa: *Lionheart*, coração de leão. Nossa, que cafona. Era uma homenagem a um rei inglês, Ricardo I, que viveu há mais de oitocentos anos e era conhecido como *Richard*

Lionheart. Tudo bem, era até engraçado, mas constrangedor também.

Paul pegava no meu pé por causa disso, fingindo se curvar e me chamando de “vossa excelência”, enquanto mostrava o dedo do meio para mim, mas havia um toque de tristeza também. Eu estava sendo chamado de “Coração de Leão”, mas o coração e os pulmões de Paul estavam cada vez piores. Todos nós víamos e não havia porra nenhuma que pudéssemos fazer.

Graças a Deus eu tinha a Ru. Ela me alegrava e me tirava do sofrimento.

Por fim, decidi levá-la para conhecer os meus pais. De qualquer forma, ela já tinha conhecido Paul, e ele já tinha contado a eles sobre ela. Foi algo mais tranquilo do que a minha iniciação na família dela, mas tão bom quanto. Percebi que eles a adoraram.

Ela era engraçada, doce e praticamente perfeita. Até mesmo a minha mãe — que nunca gostou de nenhuma das garotas que levei para conhecê-la — declarou que Ru “era uma garota muito legal”, o que era muita coisa.

Paul disse que gostava mais dela do que de mim. E se isso fosse verdade — o que era totalmente possível —, eu jamais me importaria.

O único lugar em que não podíamos ser nós mesmos era no trabalho.

Se Sim soubesse que estávamos namorando, Ru não poderia colocar as bandagens em mim antes dos jogos, nem me massagear depois para aliviar as dores. Ela ainda poderia trabalhar no clube, mas não comigo.

Mas uma coisa tinha mudado. Eu não sabia, mas ela tinha ido ao Sim e conversado com ele sobre colocar uma cláusula sobre ser doador de órgãos em todos os futuros contratos. Claro que a pessoa poderia dizer não, mas o problema é fazer as pessoas se inscreverem como doadoras de órgãos caso alguma coisa acontecesse com elas, porque a maioria delas se acha indestrutível. Todos nós achamos que nunca nada vai acontecer com a gente, então nem paramos para pensar no assunto.

Sim disse para Ru que ia conversar com o departamento do RH sobre o assunto, mas não via nenhum motivo para todos os membros da equipe receberem informações sobre como se inscreverem como doadores de órgãos.

Fiquei emocionado por ela ter feito isso por mim, por Paul, e fiquei com raiva de mim mesmo por nunca ter pensado em levar essa ideia ao Sim.

Ru gostava de bancar a extrovertida, uma mulher no comando, mas havia muito mais, e nem todo mundo conseguia perceber que ela tinha sentimentos e pensamentos profundos. Eu

queria que todo mundo soubesse como ela era incrível, mas, ao mesmo tempo, eu queria tê-la toda para mim. O que me tornava oficialmente um babaca, mas eu não conseguia evitar.

Quando seguimos para entrar no campo, Ru estava na porta do vestiário. Eu me certifiquei de ser a última pessoa a sair.

Ela me deu um sorriso secreto e uma piscadinha.

— Manda ver, bonito.

E foi o que fiz. Durante a partida, joguei como o capeta. Eu era praticamente imbatível.

Eu tinha uma massagem depois me esperando. E porque eu adorava aquelas sessões de massagem, tinha que manter o nosso relacionamento em segredo.



Dois dias depois, quase revelei tudo porque estava tendo dificuldades de manter as minhas mãos longe de Ru no trabalho.

Antes da sessão de treinamento, ela passou por mim, baixando a voz para que só eu pudesse ouvi-la.

— Oi, *Sexy Beast* — sussurrou. — Meu Deus, como eu adoro ver você de sunga. Você é tão gostoso. Dá para contar os gomos do seu abdome.

As palavras e o tom de sua voz, o jeito que ela me olhava, tudo aquilo eram gatilhos. Eu fiquei tão excitado que mal consegui me concentrar durante o treino aeróbico.

Mas, daquela vez eu tinha um plano.

E pode acreditar, eu vinha pensando muito naquilo. Muito mesmo.

Eu me certifiquei de ser o último da lista de tratamento com Ru. Eu vinha pensando na massagem dela durante todo o treino. Não conseguia tirá-la da minha cabeça — pensando em um exercício extracurricular bem lá na sala de fisioterapia. Uma vez que ela plantou a ideia, eu tinha que encontrar uma maneira de fazer aquilo acontecer.

Pois é, que tal um final feliz, Ru?

Nós dois brincamos várias vezes sobre isso quando estávamos longe do clube, mas naquele dia eu ia fazer a nossa pequena fantasia se tornar realidade. Eu sabia que seria um risco. Se alguém nos pegasse, teríamos muitos problemas, mas o perigo também tornava as coisas ainda mais excitantes.

Não vou mentir. Tipo, que jogador nunca fantasiou em ter uma fisioterapeuta gata e ter uma massagem com final feliz? Posso garantir que é uma fantasia de cerca de 99% dos caras. O 1% restante deve ter algum sonho ainda mais louco — porque você sabe como os jogadores de *rugby* são.

Chegou a minha vez e mal conseguia esperar.

A energia queimou sob a minha pele durante todo o treino fazendo-me sentir que eu estava tocando cabos elétricos ligados. Tive que me obrigar a agir e parecer como sempre depois de uma sessão brutal, e não como se eu estivesse pronto para partir para ação.

A adrenalina fazia o meu corpo vibrar, mas demorei para tirar a roupa e tomar banho, esperando Ru acabar a massagem de Wes.

Enrolei a toalha na cintura, sabendo que não teria que esperar muito tempo mais. Ru se mantinha na rotina de sempre. No trabalho, era completamente profissional. Eu estava ansioso por vê-la quebrar as regras.

Wes bocejou enquanto saía da sala de fisioterapia, parecendo pronto para descansar. Quando me viu esperando do lado de fora, ele sorriu.

— Ela é toda sua, cara. Seja gentil com ela.

Ele não fazia ideia de como estava sendo engraçado.

Talvez eu tenha feito uma expressão estranha, porque Wes ergueu as sobrancelhas.

— Tudo bem, cara? Você parece um pouco tenso.

— Tendão comprimido, isso é tudo.

Ele coçou a orelha como se não estivesse acreditando, mas encolheu os ombros.

— Tá, tanto faz. Vejo você amanhã, Ben.

— Isso. Até amanhã.

Entrei na sala apinhada da fisioterapia, sentindo o cheiro do óleo de massagem de menta e eucalipto. Ru estava debruçada na mesa de massagem, organizando algumas bandagens e não me ouviu entrar. Então, eu me aproveitei e a agarrei pelo quadril.

— Adivinha quem é?

— Wes? — provocou ela.

Murmurei no ouvido dela:

— Não, tente de novo. — Dei uma apertão brincalhão até ela me dar a resposta certa.

— Andy?

Dessa vez eu dei uma palmada no seu traseiro e ela soltou um gemido sexy.

— Ben!

Lambi atrás de sua orelha, passando as mãos pelas costas dela.

Seus cotovelos estavam apoiados na mesa de massagem e ela olhou por sobre o ombro; os olhos escuros e excitados, a respiração ofegante.

Minha mão se fechou em um dos seu seios maravilhosos.

— Ben, não! A gente não pode — pediu ela, em um sussurro gemido. — E se alguém aparecer?

Pressionei o quadril contra o traseiro dela, mostrando a ela o tamanho da minha excitação.

— Não se preocupe tanto. O vestiário já está vazio, eu sou o último da lista. — Eu pressionei o meu corpo contra o dela de novo. — Que tal uma massagem, Sra. Mazzali? Meu tendão está comprimido depois de uma sessão mais dura.

Mas não foi só a sessão que foi dura.

Ela deu um sorriso sexy, afastando-se de mim.

— Claro. Esse é o meu trabalho. — Ela deu tapinhas na mesa de massagem. — Pode se acomodar. Você sabe que é o meu favorito.

— É melhor mesmo.

Ela deu uma gargalhada rouca, enquanto eu subia na mesa de massagem, ainda usando a minha toalha. Eu não estava mentindo sobre os tendões, e realmente estava precisando daquela massagem. Ru sabia exatamente de como eu gostava.

Ela sempre colocava uma música tranquila na sala de fisioterapia e naquele dia não foi diferente.

Estávamos no meio da massagem e eu estava tão relaxado, todos os tendões soltos de forma profissional. Ficamos conversando sobre a nossa vida fora do trabalho, e guardei a informação de que ela gostava de comida grega. Havia um restaurante que eu queria experimentar em West End e esperava que ela gostasse também.

Também estava atento aos barulhos do vestiário, e tinha quase certeza de que estávamos sozinhos.

Ru era boa no seu trabalho, muito boa mesmo, mas mesmo estando relaxado, eu também estava excitado pra cacete. Se não me conhecesse, acharia que um dos rapazes poderia ter batizado a água com Viagra. Mas, às vezes, você simplesmente sabe, você simplesmente sente a tensão sexual entre duas pessoas.

Eu tinha isso com Ru. Ela era linda, inteligente e excelente profissional. Também era gentil e engraçada — a minha garota era o pacote completo.

Ela passou do lado do meu braço quando eu estava

deitado de costas e eu estendi a mão devagar e acariciei sua virilha. Ela parou de movimentar as mãos. Olhei para Ru, que me encarava com um sorriso no rosto.

— Ben, eu sei o que você quer, eu sinto o mesmo, mas é perigoso. E se alguém entrar?

Eu ri.

— Perigoso? Não. — Eu me sentei, escorregando as pernas pela mesa. — É a hora perfeita. Todo mundo já foi embora. Você acha que eu não planejei tudo direitinho? Considerando o jogo inteiro? — Dei uma piscadinha para ela. — Que tal um final feliz?

Ru deu uma risada e baixou a voz a um sussurro:

— Você está falando sério, não está?

Eu me levantei e deixei a toalha cair no chão. Meu pau estava duro e apontado diretamente para Ru.

— Nunca falei tão sério na vida.

Ru arregalou os olhos quando olhou para o meu pau duro bem diante dela. Ela passou a língua nos lábios e seus olhos brilharam quando olharam para os meus e, depois, voltaram ao convite que eu estava fazendo.

— Vamos lá — disse eu em tom encorajador.

— Você está adorando esta... situação, não está? — provocou ela. — Eu sei que você tem fantasias sobre isso. — Ela se virou como se estivesse prestes a sair pela porta, mas a fechou com o pé. — Eu também.

E o jogo ia começar! Aquilo ia acontecer!

Ru se ajoelhou, deu um sorriso para mim antes de seus lábios escorregarem pelo meu pau, lambendo e chupando.

Revirei os olhos e tive que me segurar na mesa de massagem com as duas mãos para meus joelhos não cederem.

Seus olhos pareciam duas poças brilhantes e escuras de excitação. Eu sabia que por baixo do uniforme ela estava ficando toda molhadinha. Só de pensar nisso, meu pau ficou ainda mais duro e tive que apertar minhas bolas para me distrair.

Ru se afastou, lambendo os lábios.

— Fique de olho na porta — pediu ela com um sussurro.

Eu sorri e dei uma piscadinha para ela. O fato de que poderíamos ser pegos estava me deixando louco de excitação. Eu ouvia os ruídos da boca de Ru enquanto ela chupava e lambia o meu pau, e cada som aumentava ainda mais aquele prazer insano. Eu sentia o cheiro do perfume dela enquanto ela me chupava inteiro. Aquilo era tão bom, tão bom... Eu quase podia sentir o gosto dela.

Eu a segurei pelos ombros e ela olhou para mim com ar de dúvida. Eu sorri e lentamente neguei com a cabeça.

Ela entendeu o recado silencioso e se levantou, beijando e mordiscando o meu corpo à medida que subia. Meus olhos estavam fixos nela e ela percebeu.

— Você deveria estar tomando conta da porta — disse ela com um sorriso.

— Estou muito ocupado — ofeguei, sentindo a voz estrangulada.

Ru se levantou e abriu a boca para dizer alguma coisa, mas eu a virei de forma bruta e ela arfou. Meu Deus, esse som me enlouquecia, e ela era tão cheirosa — aquele xampu de coco.

Beijei e mordisquei o seu pescoço, então puxei o rabo de cavalo e ela gemeu de prazer. O meu último fio de controle se rompeu e arranquei as roupas dela apoiando-a na mesa de massagem. Puxei o seu cabelo com força e a inclinei enquanto pegava um preservativo e metia meu pau com um movimento rápido.

— A sua vez de tomar conta da porta — sussurrei, minha respiração quente na sua nuca.

Ru olhou para trás e sorriu, olhando para mim, observando cada estocada e apoiando o quadril na mesa de massagem.

Ela continuava repetindo meu nome e nem consigo explicar o quanto aquilo me excitava. Eu precisava me controlar minimamente ou aquela fantasia ia acabar rápido demais. Eu senti tudo enquanto metia nela diversas vezes e os gemidos dela ficavam mais altos. Eu estava desesperado para fazer o momento durar, mas não consegui, estava bom demais. Ofeguei e gemi quando gozei, enquanto Ru gemia ao me sentir pulsando dentro dela.

Abalado e com as pernas trêmulas, descansei o meu peito na pele quente e nua das suas costas e respirei fundo.

— Definitivamente um final feliz.

Ela riu e mexeu o quadril fazendo meu pau sair de dentro dela.

— Vista-se agora, *Sexy Beast*. — Ela riu. — Você se lembra de onde estamos?

— Foi mal, eu estava vivendo o momento. — *Mas que momento maravilhoso.*

Acho que nunca mais olharia para a sala de fisioterapia número dois do mesmo jeito.

Depois daquilo, ela voltou para casa comigo e nós transamos de novo no chuveiro. Era incrível o quanto eu a desejava. Eu vivia excitado quando era adolescente, mas isso estava em um nível completamente diferente. Caramba, estava a um mundo de diferença.

Mais tarde, estávamos deitados juntos na cama, joelhos encostados e um olhando para o outro.

— Você sonhava com isso quando era criança? — perguntou ela com a voz parecendo cansada.

— Ter uma mulher gostosa na minha cama? Sim, esses sonhos eram muito frequentes quando entrei na puberdade.

— Hahaha, que engraçado. Não, estou falando sobre ser atleta profissional. Era esse o seu sonho?

Coei o queixo, pensando sobre a pergunta.

Eu sempre amei jogar *rugby*, mas a maior parte da minha infância foi dominada pela doença de Paul. Eu me lembrava mais de idas ao hospital com os meus pais do que eles assistindo aos jogos na escola.

Às vezes, eu era um merdinha e me ressentia por ele receber toda a atenção, mesmo sabendo que a culpa não era dele. Nossos pais tentavam compensar, mas quando eles faltaram ao meu último jogo na escola e ao meu primeiro como adulto, foi difícil para mim.

Eu nunca senti que não era amado... Só deixado de lado às vezes. Eu tinha que fazer tudo sozinho.

A única coisa que eu desejava era que Paul fosse saudável.

— Na verdade, não. Eu sabia que jogava bem, mas nunca esperei chegar ao nível profissional. Eu jogava para me divertir. Além disso, existe uma grande diferença entre ser um guerreiro de fim de semana e um profissional. É um salto enorme: mais treino, mais tempo, mais comprometimento. E sempre existe o risco de lesões. De qualquer forma, eu não ganhei corpo até uns 17 ou 18 anos. Você vê muitos jogadores de futebol magrelos, mas não jogadores de *rugby*. Até mesmo os pontas, que são os jogadores mais rápidos, podiam se safar sendo magros no passado, mas o jogo mudou. Hoje em dia, todo mundo tem que ter uma constituição forte para ser um atleta.

Ela contraiu os lábios.

— Odeio quando você se machuca. Chego a me sentir enjoada.

Ela acariciou um ponto roxo no meu quadril provocado por uma queda.

— Nesses momento, eu odeio o *rugby*. Questiono tudo que eu faço.

Eu me apoiei em um dos cotovelos.

— Sério? Achei que você amasse o seu trabalho.

— E eu amo. Amo de verdade, mas...

— Mas o quê?

Ela suspirou e suas pálpebras se fecharam, cobrindo seus olhos e ocultando suas emoções.

— Ru, fale comigo.

Ela abriu um sorriso.

— Quando era criança, eu sonhava em ser médica. Eu tinha um estetoscópio de brinquedo e um jaleco branco, e eu “examinava” todas as minhas bonecas. Bia passava muito tempo enfaixada porque eu ficava treinando com as bandagens. Ela acabava parecendo pronta para fazer um teste para o papel de múmia.

Sorri ao imaginar a pequena Ru dando ordens à irmã mais nova. As coisas não tinham mudado tanto assim.

— Por que você não é médica?

Ela contraiu os lábios.

— Eu não era inteligente o suficiente.

— Merda nenhuma! Sério? Quem disse isso?

— Não houve uma pessoa, mas as minhas notas não eram altas o suficiente para entrar na faculdade de medicina e eu não tinha estudado as matérias científicas o suficiente, então, acabei escolhendo uma área próxima. Eu amo ser fisioterapeuta, mas gostaria de ser médica.

— Você ainda pode ser. Você só tem 22 anos.

Ela negou com a cabeça.

— Não, isso levaria muito tempo. Além disso, é caro demais.

Pensei no dinheiro parado na minha conta, dinheiro que guardava para a minha aposentadoria. Mesmo tendo apenas 23 anos, uma lesão poderia me obrigar a me aposentar permanentemente a qualquer momento. E mesmo que isso não acontecesse, eu só tinha mais dez ou doze anos antes de o meu corpo se cansar e eu ter que encontrar outra coisa para fazer da vida.

Eu ainda estava pensando nisso quando ela pegou as minhas mãos e as levou ao peito, aconchegando-se mais a mim.

— Eu gostaria de ajudar o Paul. Ele está piorando, não está?

Minha garganta se fechou como se eu tivesse engasgado ao ouvir as palavras dela.

— Está sim.

— Você acha que ele vai conseguir ser operado?

Fechei os olhos por um instante.

— Não existem doadores o suficiente.

Ela observou o meu rosto, mas não disse nada.

Não havia nada a ser dito.

O aquecimento central fazia seu som suave e eu comecei a adormecer.

— Se eu fosse médica, poderia ajudar pessoas como ele. — Ru suspirou suavemente.



CAPÍTULO 11

— Acho que deveríamos contar para o Sim.

Ru lançou-me um olhar preocupado, mas, então, assentiu lentamente, concordando.

— Eu sei. Eu também não gosto muito disso. Eu adoro trabalhar com o time principal. Estou preocupada de acabar sendo transferida para o time mais jovem quando contarmos para ele.

Eu sabia que aquela era uma possibilidade.

— Eu sei, mas Jordan já descobriu que a gente está namorando. Você sabe que ele nos viu chegando juntos ao trabalho. Quanto tempo você acha que vai demorar para os outros descobrirem também? Eles não vão conseguir manter o bico calado.

— Provavelmente não. — Ela suspirou.

— Então, estamos de acordo. Acho que devemos contar juntos.

Ela hesitou.

— Tá, mas...

— O que foi, Ru?

Ela passou a língua pelos lábios, chamando a minha atenção para a boca macia.

— Hum — ela deu um sorrisinho que era pura provocação —, eu fui escolhida para fazer parte da equipe de fisioterapeutas para viajar com vocês para o jogo contra o Leicester Tigers. — Sua mão quente passou por entre os botões da camisa e ela traçou o meu mamilo com a ponta dos dedos. — Se contarmos tudo agora, não vou poder ir.

Ela afastou a mão e olhou para mim com expressão

séria.

— Eu realmente preciso dessa oportunidade para colocar no meu currículo. Vai ser uma boa experiência pra mim. Deixe-me fazer isso, Ben. A gente conta tudo para o Sim depois. Prometo.

Eu sabia que estar em um quarto no mesmo hotel que ela seria uma distração perigosa, mas não tinha como dizer não para ela. Se existia uma coisa na sua lista de prioridades, essa coisa era o seu trabalho. Eu ficava um pouco preocupado por não saber onde eu me encaixava naquela lista.



O time Leicester Tigers era forte. Eles nunca desceram da primeira divisão e era o time mais bem-sucedido da Europa.

O Phoenixes já tinha descido e subido na liga desde a aposentadoria de Nick Renshaw, e eu precisava lutar por cada ponto que marcávamos. As chances estavam contra nós em um jogo contra o Tigers e no estádio deles, o Welford Road.

Um dos principais jogadores do time, Tyrese Johnson-Fisher, tinha sido membro da academia de Leicester Tigers para jovens jogadores, e tinha ganhado uma bolsa de estudos em uma universidade americana, deixando-o um passo mais perto de jogar na NFL, a liga nacional de futebol americano dos Estados Unidos.

Eu ganhava bem jogando no Phoenixes, mas jogar na NFL — o cara ficaria milionário no primeiro ano. Desde que não sofresse nenhuma lesão. Esse era o fantasma que assombrava a todos.

Afastei o pensamento.

O ônibus do time estava nos esperando na manhã de sexta-feira. Nós entramos com nossas bolsas de viagem e roupas de ginástica, e o roupeiro se certificou de que os uniformes estavam organizados no bagageiro do ônibus, junto com nossa bagagem pessoal.

Ru tinha que se sentar na frente com o restante da equipe médica, que incluía o médico do clube, o fisioterapeuta-chefe e Ru. Ouvir sua risada e suas brincadeiras com eles me deixava tenso. Ela não estava dando mole para ninguém, mas eu via o interesse nos seus olhos. Eu estava sendo um babaca ciumento e precisava parar antes de me entregar. Eu já estava farto de esconder de todos como me sentia em relação a ela.

Peguei os fones de ouvido e tentei relaxar ouvindo

uma música, mas meus olhos sempre acabavam nela. Pela primeira vez, eu realmente entendi por que o clube tinha regras sobre relacionamentos no ambiente de trabalho: Ru estava me distraindo muito e, a não ser que eu me controlasse, tê-la por perto afetaria o meu desempenho no jogo.

Eu não podia permitir que isso acontecesse. Na verdade, eu precisava mostrar para Sim que estar perto de Ru só tinha efeitos positivos em mim. Tá bom. E como é que eu poderia mostrar isso?

Três horas depois, paramos no estacionamento de uma grande rede de hotéis. Costumávamos nos hospedar nesse tipo de hotel quando viajavamos por causa das piscinas e das instalações de academia disponíveis, e eles patrocinavam o time.

Sim fez o *check-in* do time. Fiquei feliz por não ter que dividir o quarto com Wes de novo, mas Ashley era tão ruim quanto Wes.

Tentei ouvir em que quarto Ru ia ficar, mas estava muito barulho. Eu sabia que ela dividiria o quarto com Karen Smith, uma das assessoras de imprensa do time que às vezes nos acompanhava nos jogos em outras cidades. Seu trabalho consistia em marcar entrevistas e acompanhar toda a mídia daquele jogo.

De qualquer forma, elas eram as únicas mulheres viajando com a gente, então certamente compartilhariam um quarto.

Afastei o olhar. A única chance de conseguir passar um tempo a sós com Ru era se Ashley desaparecesse por algumas horas. Isso era possível porque parte da sua preparação era fazer uma sauna, mas ele provavelmente sugeriria que eu fosse com ele.

Na noite antes do jogo, costumo relaxar no quarto do hotel depois da reunião do time e do jantar conjunto. Obviamente havia restrições ao consumo de bebidas alcóolicas e um toque de recolher para se certificar de que teríamos uma boa noite de sono.

Naquela noite, eu esperava ter a chance de dar uns amassos com a minha namorada.

Mas primeiro eu precisava me livrar do meu colega de quarto.

Ashley estava reclamando da regra de dormir cedo. Eu já tinha dividido o quarto com ele antes e sabia que ele ficava acordado até mais de meia-noite jogando no iPad. Eu o obrigava a tirar o som, mas o brilho azulado da tela me incomodava.

Por sorte, eu tinha feito um plano de mestre.

— O que estava rolando entre você e aquela lourinha no bar? — perguntei como quem não quer nada, enquanto fingia estar concentrado na seção de esportes do jornal.

Ele teve um sobressalto, como se tivesse levado um

choque.

— Que lourinha?

— Sério, cara, você não notou? Ela não conseguia tirar os olhos de você.

Eu estava aumentando um pouco a verdade, mas o ego de Ashley estava aceitando a história.

— Ah, acho que sei quem é. Uma peituda?

Meu Deus, que babaca.

— Não. Essa é amiga dela. Mas, pensando bem, acho que ela também pareceu interessada em você.

Ashley se levantou.

— Porra, Ben! Por que você não disse nada antes?

Encolhi os ombros.

— Achei que você não estivesse a fim. Não sabia que você andava por aí com os olhos vendados.

— Você acha que elas ainda estão no bar?

— Talvez, mas pode ser que tenham ido para o cassino do hotel. É, acho que ouvi quando elas combinaram de ir.

Ele se levantou e alisou a camisa.

— Ah, já estou indo para lá — disse ele.

Eu sorri por dentro, mas mantive a expressão séria.

— Não volte depois da meia-noite, ou Sim vai acabar com você, e eu vou ajudar.

— Tá, tá. — Ele deu uma risada enquanto pegava a carteira, o cartão de acesso ao quarto. — Você precisa do seu sono de beleza.

Ele fechou a porta ao sair, e calculei que eu teria uma hora antes de ele desistir de procurar louras fictícias. Embora sempre existisse a chance de ele ficar com outra pessoa. Ele não era muito exigente sobre onde afogava o ganso.

Mandei uma mensagem de texto para Ru e, três minutos depois, ouvi uma batida leve na porta.

— Oi, *Sexy Beast* — cumprimentou ela, pressionando-me contra a parede com o seu corpo quente. — Vai ter que ser uma rapidinha.

Com certeza, aquilo não seria um problema. Eu já estava mais do que pronto.

Puxei-a para o banheiro e tranquei a porta, só para o caso de o idiota do Ashley voltar mais cedo. Eu não queria que ele visse a minha mulher pelada.

Abri a água quente do chuveiro e começamos a tirar a roupa, enquanto nos acariciávamos usando as mãos, a boca, a língua, tocando e provando.

Eu a ergui e a penetrei, estocando com vigor

enquanto a água quente banhava a minha pele.

Ela enterrou as unhas no meu ombro enquanto levantava a cabeça e a apoiava no ladrilho da parede.

Não demorou muito para gozarmos e, devagar, a coloquei no chão enquanto recuperava o fôlego.

Tinha sido gostoso e rápido, e sei que parece loucura, mas a melhor parte foi ficar abraçado com ela, sentindo o seu coração batendo junto com o meu.

Eu me importava.

Eu gostava de Ru.

E esse pensamento me deixava aterrorizado. Mas era excitante também.

Ela se aconchegou mais ao meu peito, a água brilhando nos seus cílios, seu rosto suave e relaxado, mas com um quê de tristeza.

— Eu tenho que ir — disse ela.

— Eu sei, eu sei. Mas não quero que vá.

Afastei as mãos do seu corpo com um suspiro e fechei o chuveiro, entregando uma toalha macia e a enrolando com ela. Ela era tão pequena, mal chegava ao meu queixo.

Peguei outra toalha e tentei enxugar o cabelo comprido dela. Ela riu e se afastou das minhas mãos ineptas.

— Obrigada, mas eu posso fazer isso sozinha. — Ela deu um sorriso. — Você é gentil, Ben. E não só um troglodita gigante.

— Hum, valeu? — Eu ri. — Esses elogios vão fazer você chegar longe.

— Eu já cheguei — disse ela com uma piscadinha.

O sorriso deixou os seus lábios e ela pareceu tão séria, seus olhos escuros tão expressivos, tão intensos. Meu coração disparou.

— Uma das minhas escritoras favoritas é Adélia Prado. Bem, ela é uma poetiza brasileira, mas suas poesias já foram traduzidas para o inglês. Ela diz “Erótica é a alma”. Eu nunca entendi o que ela queria dizer. Até conhecer você.

Segurei as mãos dela e a puxei para mim.

— Eu não vou manter mais o nosso relacionamento em segredo, Ru. Eu não costumo... tipo, eu nunca... eu não consigo mais esconder como me sinto em relação a você. Eu acho... eu acho que eu...

Ela pressionou os lábios contra os meus.

— Está tudo bem, Ben. Eu sei. Eu sei e eu sinto o mesmo. Eu amo você.



CAPÍTULO 12

Eu não estava ansioso para encontrar o Sim.

Uma das primeiras coisas que ele me disse quando entrei para o Phoenixes foi que me tiraria do time se eu desobedecesse qualquer cláusula do meu contrato. Isso incluía qualquer coisa negativa que colocaria o clube nos jornais, como entrar em brigas, e todos nós levamos um sermão sobre sermos pegos com mulheres — sabe, se elas tivessem bebido, não deveríamos transar com elas porque com certeza isso acabaria na coluna de fofocas de algum tabloide ou nos tribunais.

Uma das cláusulas dizia que no caso de namoro entre funcionários do clube era necessário avisar à administração. Isso significaria que Ru não poderia mais ser minha fisioterapeuta, mas eu esperava que, ao levar o assunto para Sim antes que eles descobrissem, ele ficaria com pena de nós ou algo assim. De qualquer forma, eu já não aguentava mais esconder como me sentia em relação a Ru. Principalmente agora que ela tinha se declarado.

Quando eu pensava nisso, em como ela tinha dito que me amava, era tomado por um sentimento de orgulho, tranquilidade e esperança. Eu nem sabia mais se estávamos escondendo bem o nosso segredo. Sim provavelmente era o único que não sabia como eu me sentia. Até mesmo Wes e Andy tinham parado de dar em cima de Ru, e Ashley com certeza sabia que estava rolando alguma coisa, desde a noite que ele tinha saído do quarto do hotel e voltado, putado da vida e mal-humorado, apenas alguns minutos depois que Ru tinha saído.

Cara, eu realmente não estava ansioso para contar para Sim. Eu estava morrendo de medo de estar colocando a minha

carreira em risco.

Eu até disse para os meus pais que achava que Ru era a mulher da minha vida. Eles gostavam dela, mas achavam que eu ainda era jovem demais para saber o que queria ou até mesmo o que era bom para mim. O que era uma coisa bem hipócrita, considerando que meu pai era só um ano mais velho que eu quando se casou com a minha mãe.

Além disso, eu sabia que nada mudaria entre mim e Ru.

Ajustei o casaco de couro e coloquei o capuz do moletom. *Hora da verdade!*

Corri até o meu carro, com cuidado para não pisar em nenhuma poça de gelo que tornava o calçamento um perigo. O nervosismo estava me deixando tenso e irritado enquanto eu raspava o gelo do para-brisa. Eu precisava de um desses limpadores adequados para isso, mas usei o meu cartão de crédito mesmo. Meus dedos estavam congelados quando terminei e meus nervos, à flor da pele. Olhei para o céu, que estava escurecendo a cada segundo, com aquela cor amarelada e nefasta que significava que ia nevar.

Eu gostaria que Ru tivesse me deixado pegá-la em casa, mas ela disse que ia chegar mais cedo porque tinha algumas tarefas burocráticas para terminar, e, de qualquer forma, seria melhor se chegássemos separados. Eu não estava bem certo se concordava, mas ela acabou me convencendo. Eu até posso ser bem mais alto e mais forte do que ela, mas isso não significava que ela era fácil. Eu não gostaria que fosse de outra forma. Eu amava a minha corajosa namorada.

Abri a porta do Porsche e coloquei o celular no suporte. Ru dizia que o meu carro parecia um peru gigante e que devia ser sinal de uma crise precoce de meia-idade. Mas o que ela realmente queria dizer é que amava o meu carro tanto quanto eu, mas jamais daria o braço a torcer.

Afundi no banco de couro e ele me envolveu, liguei o motor e o aquecimento começou a funcionar. Passei a marcha e saí para o trânsito.

Fiquei alternando entre as estações de rádio da moda, enquanto tamborilava os dedos à medida que o trânsito ficava lento. A neve estava começando a cair, flocos grandes e úmidos que rapidamente se transformaram em lama perto do meio-fio.

Eu tamborilava os dedos impacientemente no painel e desejava ter saído vinte minutos antes. Naquele ritmo, eu ia chegar atrasado.

Quase ignorei a ligação quando meu telefone tocou e vi o número da minha mãe — eu realmente não precisava de ela

tentasse me convencer uma vez mais a não seguir adiante com o meu plano.

Mas eu atendi. Eu sempre atendia. Só para o caso de Paul... sabe?

— Oi, mãe? Agora não é uma boa hora. Estou a caminho da Hangar Lane e...

— Acabamos de receber a ligação!

Meu cérebro não processou a informação logo de cara.

— O quê? Que ligação?

— Paul! Eles encontraram um doador. Estamos indo para o hospital agora!

Fiquei dividido, mas só por um instante. Ru e eu poderíamos contar para Sim em outro momento. Mas Paul... eu tinha que ir. Eu tinha que me encontrar com ele e com meus pais.

— Eu encontro vocês lá — respondi.

— Obrigada, filho!

Percebi o tom de alívio em sua voz.

Levei mais 15 minutos para sair da estrada principal e seguir para o hospital. Eu conhecia o caminho de cor. Nós íamos até lá desde que Paul nasceu.

É muito triste que um hospital seja como um segundo lar, mas a equipe sempre fez com que nos sentíssemos muito bem-vindos. O máximo que podiam.

Estacionar era sempre uma merda porque o hospital ficava bem no centro de Londres, então, imagine estacionar no meio da cidade quando se está com pressa.

Em geral, quando íamos ao hospital, nós parávamos no enorme estacionamento subterrâneo que ficava a alguns minutos de distância. Fiquei dirigindo em círculos dentro daquele caixote de concreto tentando encontrar uma vaga que deveria estar lá.

Acabei me espremendo entre um Range Rover e um Bentley, o que me deixou um espaço mínimo para sair pela porta do motorista, quase perdendo a patela no processo.

A adrenalina corria pelas minhas veias, enquanto eu subia correndo a escada para chegar ao térreo e correr pelas ruas apinhadas.

O Natal se aproximava, e a iluminação da Oxford Street já estava pronta havia quase um mês. Eu ia terminar as compras de Natal pela Internet, como sempre. Graças a Deus eu já tinha comprado o presente de Ru.

Ao pensar nisso, lembrei-me de ainda não tê-la avisado sobre a mudança de planos.

Peguei o celular, apertei o contato dela e levei o

aparelho ao ouvido enquanto eu passava pela multidão que lotava as ruas. Todo mundo estava andando devagar e parando para olhar uma vitrine ou outra enquanto eu estava morrendo de pressa.

O telefone tocava, tocava e caía na caixa postal.

Oi, você ligou para Bruninha! Deixe seu recado e eu retorno a ligação!

— Oi, Ru. Aconteceu uma coisa. Sinto muito, mas é o Paul. Ele está no hospital e estou a caminho de lá agora. Nós achamos... Minha mãe disse que encontramos um doador! É assustador, mas isso realmente está acontecendo! Sinto muito sobre Sim, mas vamos ter que falar com ele na semana que vem, está bem? Será que você pode avisar a todos onde eu estou? Quando puder, me ligue.

Eu não precisava pedir informações quando cheguei ao hospital. Nós já tínhamos visitado a ala de transplantes tantas vezes que eu seria capaz de chegar lá durante um *blackout*.

Minha mãe me viu primeiro. Meu pai a abraçava pelo ombro e, por um segundo, eu me senti constrangido de vê-los assim, sabe, em um momento deles.

— Ah, graças a Deus! Ben está aqui.

Os dois se viraram para mim e vi o sofrimento estampado no rosto deles.

— O que está acontecendo? — perguntei, mal atrevendo a respirar.

— Eles já o levaram — explicou meu pai com olhos vermelhos e barba por fazer. — Recebemos a ligação um pouco antes do almoço. Graças a Deus, Paul ainda não tinha comido ou a operação teria que ser adiada. É agora.

Uau, aquilo realmente estava acontecendo.

Meu coração ainda estava disparado, mas não havia nada que eu pudesse fazer a não ser esperar.

E esperar e esperar.

Do lado de fora, o sol começou a se apagar no céu à medida que a tarde se transformava em noite. As luzes amareladas e alaranjadas dos postes se acenderam.

Liguei várias vezes para Ru, mas ela não estava atendendo. Com certeza ela não podia estar trabalhando ainda, né? Será que estava com raiva porque não apareci para a reunião? Será que tinha decidido ir sozinha? Talvez ela tivesse sido suspensa e não soubesse como me contar? Ou será que estava zangada?

Tentei ligar de novo. Sem resposta.

Resolvi mandar uma mensagem também.

Estou no hospital. Paul está operando. Ligue para mim.

Eu precisava ouvir a voz dela. Ela amava Paul como a um irmão. Mesmo que estivesse com raiva, ela retornaria a minha ligação. Eu sabia que sim.

As horas se arrastavam e eu não tinha notícias. Eu olhava constantemente o meu celular antes de desistir quando fiquei sem bateria.

Sabíamos que a cirurgia levaria pelo menos seis horas, provavelmente mais, então tudo que podíamos fazer era esperar. Duas equipes cirúrgicas trabalhariam juntas: os especialistas cardíacos e os especialistas torácicos. Nós já conhecíamos todo mundo.

Eu conhecia bem as estatísticas, sabia como poucas operações desse tipo eram realizadas por ano — só umas cinco em todo o país. A prioridade geralmente era das pessoas que só precisavam de um transplante de coração.

Só um novo coração.

Meu Deus, eu sei como isso parece, mas nós vivíamos naquela realidade, sabíamos havia muito tempo que aquela era a única chance de Paul.

Uma vida por uma vida.

Eu não queria pensar sobre a pobre alma que tinha transformado aquela terça-feira em um dia de sorte para a minha família.

Já passava da meia-noite e eu ainda não tinha tido notícias da Ru. Pensei em ligar para a casa dela, mas já era muito tarde. Ela talvez até ficasse com raiva de mim por causa disso. Eu não estava conseguindo ignorar o mal-estar que crescia dentro de mim. *Mas por que ela não me ligou?*

Ela sabia, ia entender por que eu tinha que estar com a minha família...

Minha mãe estava cochilando na cadeira, a boca um pouco aberta, as marcas de preocupação suavizadas por ora. Ela só tinha 47 anos, mas parecia bem mais velha.

Meu pai estava olhando para a parede, sem piscar, naquela resignação atordoada de alguém cansado demais para se mexer.

Então, as portas duplas no fim do corredor se abriram e o Dr. Williams, o chefe da cirurgia, veio na nossa direção. Ele parecia exausto, mas o seu sorriso era encorajador.

— Tudo saiu bem durante a operação. Foi um pouco mais complexa do que esperávamos, mas estamos esperançosos de que

o desfecho seja bom.

Um bom desfecho. O que aquilo significava? Que Paul ia viver até os trinta ou quarenta em vez de morrer aos 21? Que ele ficaria bem? Um pouco melhor? O que aquilo significava?

Eu queria perguntar, mas os ombros da minha mãe estremeçeram, e ela caiu nos braços do meu pai. Eu me virei para lhes dar um pouco de privacidade e agradeci ao médico.

Ele deu um sorriso cansado.

— Paul é um lutador.

Ele tentou fazer com que voltássemos para casa para descansarmos um pouco, já que não poderíamos visitá-lo enquanto estivesse na recuperação, mas nenhum de nós queria ir. Precisávamos estar lá... para qualquer coisa. Ninguém disse nada, mas era o que estávamos pensando.

E se?

Cochilamos nas cadeiras desconfortáveis da sala de espera, e jurei que se Paul sobrevivesse, eu doaria o meu próximo salário para o hospital comprar cadeiras mais confortáveis. Porque esperar já era difícil o suficiente sem sentir que o seu traseiro estava dormente ou a sua espinha prestes a partir ao meio.

Mas a espera valeu a pena, porque pouco antes das oito horas da manhã, recebemos permissão para vê-lo.

Ele estava com um respirador, mas seus olhos estavam abertos.

— Oi, Paul. Tudo saiu bem. Você vai ficar bem, tá?

Fiquei surpreso ao ouvir o tremor na minha voz.

Paul piscou duas vezes e ergueu o polegar devagar.

Aquilo fez o choro começar de novo. Minha mãe se sentou ao lado da cama dele, agarrando sua mão e soluçando no lençol. Meu pai enxugou uma lágrima e passou o braço sobre o ombro da minha mãe.

Paul olhou para mim e ergueu as sobrancelhas, parecendo dar um meio sorriso.



CAPÍTULO 13

Alguns minutos depois, uma enfermeira nos pediu para sair, mas disse que poderíamos visitá-lo de novo à tarde.

Saímos do hospital exaustos, mas felizes. Um fiapo de sol conseguiu passar por entre as nuvens finas e cinzentas, e eu estremeci no frio da manhã, enquanto a minha respiração condensava diante de mim.

Eu não ligava para o frio. Não ligava para o valor de 45 libras que gastei no estacionamento. Tudo que importava é que Paul finalmente tinha tido sua chance. Presumindo que não ocorressem complicações.

Acompanhei meus pais até o carro e sorri quando minha mãe me abraçou pelo pescoço, puxando-me para um abraço.

Meu pai revirou os olhos e deu um sorriso cansado.

— Pega leve, mãe — provoqueei. — Acho que ainda tenho algumas costelas inteiras depois desse abraço.

— Ah, pare com isso! — exclamou ela, enxugando as lágrimas dos olhos. — Vejo você em casa.

Neguei com a cabeça.

— Primeiro eu tenho que procurar a Ru. A gente tinha uma reunião com Sim ontem à tarde. Mas não tive mais notícias dela, então não sei o que aconteceu. Eu talvez seja um homem desempregado agora...

Eu estava brincando, mas senti um nó de inquietação dentro do peito.

Minha mãe pareceu chocada.

— Claro que não, né?

— Hum, não, acho que não, mas isso tudo vai afetar a minha interação com Ru no trabalho. O contrato é bem rígido...

— Ah, filho! Sinto muito! Mas certamente o Sr. Andrews não vai causar problemas.

Encolhi os ombros, não querendo preocupá-la.

— Acho que não. Fui considerado o melhor jogador em dois dos últimos cinco jogos, lembra?

Ela me lançou um olhar firme.

— Se ele causar problemas, avise que ele vai se ver comigo!

— Pode deixar, mãe. — Eu ri, balançando a cabeça.

— Isso com certeza vai fazê-lo mudar de ideia. Vejo vocês mais tarde.

Entrei no carro e fechei os olhos por um momento. Eu estava exausto e seria muito bom dormir. Só por cinco minutos.

No entanto, eu me obriguei a ficar acordado e procurei no porta-luvas o carregador do celular. Liguei o motor e coloquei o aparelho para carregar. Ele tinha morrido, então levaria um tempo antes de eu receber as mensagens. Esperava que uma tonelada delas fosse da Ru.

Exausto e bocejando, segui para a casa dela, ansioso por ver a minha garota.

Estacionar foi pior do que de costume, e eu fiquei rodando até encontrar uma vaga a duas ruas de distância, e tive que correr o resto do caminho.

Bati na porta, enfiei as mãos nos bolsos e comecei a balançar o corpo, sentindo-me estranhamente nervoso. Eu estava agitado por Ru não ter respondido minhas mensagens de texto e de voz. Eu sabia que a minha namorada gostava de dormir até tarde, mas com certeza ela já poderia ter respondido, não é?

Será que ela foi conversar sozinha com Sim?

Por um instante terrível, pensei que talvez eu estivesse errado sobre ele e que ele a demitira na hora.

Quando a porta finalmente se abriu, vi uma mulher que eu não conhecia. Ela tinha os olhos escuros de Ru, mas sem nenhum brilho. Os olhos daquela mulher estavam frios, e o rosto, marcado de tristeza.

Ela olhou para mim sem falar nada.

— Hum, olá. Eu sou Ben. A Ru, ou melhor, a Bruninha está?

Ela ofegou e se agarrou à porta, gritando algo para dentro da casa em outro idioma, que presumi ser português.

O pai de Ru apareceu e fez um gesto para a mulher entrar, pressionando uma das mãos gentilmente no braço dela, até ela sumir atrás dele.

— Benjamim.

Fiquei agitado, perguntando-me o que diabos estava acontecendo.

Ele ficou olhando para mim e, então, arregalou os olhos.

— Você não sabe — sussurrou ele. — Sobre Bruninha, você não sabe. Ela... Ela não está mais aqui. Ela morreu ontem de manhã.

As palavras dele não faziam sentido para mim.

— Ru? Mas ela não pode...

Os olhos dele se encheram de lágrimas e seus ombros caíram. E ele começou a chorar. Lágrimas grossas escorriam pelo seu rosto enquanto seus ombros eram sacudidos pelos soluços.

— Minha filha, minha garotinha!

Eu nunca soube o real significado da palavra “congelado” até aquele momento. Eu não conseguia me mexer, enquanto meu sangue gelava nas veias. Todas as partes do meu corpo congelaram.

Descrente, com medo de acreditar, mas as palavras e a tristeza dele envolveram o meu coração.

— Não! — Neguei com a cabeça. — Não, você está errado.

Mas vi as lágrimas escorrendo pelo rosto dele, os lábios contraídos, enquanto ele se esforçava para recobrar o controle. E eu soube. Eu soube, mas não conseguia acreditar.

— Não — repeti. — Não.

— Benjamin — disse ele com a voz falhando, estendendo a mão para mim. — Ben...

Eu me virei e saí dali, ignorando a voz dele chamando o meu nome.

Meus pés me levaram de volta ao meu carro sem eu nem me dar conta. Abri a porta e me sentei atrás do volante, minhas mãos segurando o couro com força.

Piscando rapidamente, peguei o celular no bolso e liguei para Ru.

Oi, você ligou para Bruninha! Deixe seu recado e eu retorno a ligação!

A voz dela era tão cheia de vida. Disquei de novo.

Oi, você ligou para Bruninha! Deixe seu recado e eu retorno a ligação!

Fiquei ligando sem parar para o celular dela, mas ela

não atendia e, lentamente, comecei a compreender que ela nunca mais ia atender. Eu nunca mais ouviria a voz dela de novo.

Oi, você ligou para Bruninha! Deixe seu recado e eu retorno a ligação!

Eu mal notei quando a porta do carona se abriu e o pai de Ru se sentou no banco de couro macio ao meu lado.

— Ben — começou ele com voz gentil, tirando o celular da minha mão. — Sinto muito que você tenha ficado sabendo dessa maneira. Eu deveria... Eu deveria... A minha garotinha...

A voz dele falhou e ele enxugou os olhos com a manga da camisa.

— O que aconteceu?

A minha voz soou estranha aos meus ouvidos, estrangulada e rouca.

Ilario pigarreou várias vezes.

— Ela disse que queria conversar com o Sr. Andrews. Ela foi mais cedo para cuidar de alguns documentos.

Vi enquanto ele engolia em seco, seu pomo-de-adão subindo e descendo.

— As estradas estavam cobertas de gelo. Eu disse para ela: “Cuidado! Não quero que você caia e acabe com um braço quebrado!” Ela deu risada e respondeu: “Você se preocupa muito, papai! Eu não vou cair”. — Ele fechou os olhos e passou a língua nos lábios. — Um carro derrapou em um trecho com gelo e subiu na calçada. O motorista atropelou três pessoas. — Ele franziu as sobrancelhas. — Não sei o que aconteceu com os outros. Eu nem sei quantos anos tinham e nem o nome deles. Eu deveria saber.

Conseguí ver a cena na minha mente, seu sorriso, seus olhos cintilantes, seu cabelo voando em volta do rosto enquanto o carro acelerava em sua direção. Será que ela sabia? Será que ficou com medo? Será que foi rápido? Será que ela sofreu? Eu conseguia vê-la caída na calçada, a vida se esvaindo como se tivesse sido desligada. Por que ela? Uma pessoa tão amorosa, tão cheia de vida? Não era justo. Não era nem um pouco justo.

— Eu... eu deixei um recado na secretária eletrônica dos seus pais — disse ele, franzindo as sobrancelhas. — Quando estávamos no hospital. Eu não sabia o número do seu celular, então procurei o telefone deles. Você não retornou a ligação.

O tom dele era acusatório, mas a raiva acabou tão rápido quanto chegou, e ele suspirou.

— Eles a mantiveram viva para que pudéssemos... para que pudéssemos nos despedir. Você sabia que ela tinha colocado o nome na lista de doadores?

Olhei para ele com um sobressalto.

— Você sabia disso? Ela disse que uma pessoa saudável deveria fazer isso. Nós discutimos sobre o assunto, mas, quando perguntamos ao padre Hugo, ele disse que “a doação de órgãos podia ser uma forma de cultivar a vida”.

— Eu não sabia...

Minha voz saiu como um sussurro chocado.

Ele deu um sorriso triste.

— Ela gostava muito do seu irmão. Tenho certeza de que foi por isso que ela fez isso. Ela amava muito você, Benjamin.

As lágrimas queimavam os meus olhos e a minha garganta enquanto eu chorava por tudo que eu tinha perdido.



CAPÍTULO 14

Dirigi durante horas antes de voltar para casa.

Ilario me convidou para voltar para casa com ele, mas não consegui fazer isso. Eu queria ficar sozinho. Eu não me lembro de muitas coisas sobre aquelas horas, só que tudo estava sombrio e frio dentro de mim.

Por fim, me lembrei de que Paul e meus pais me aguardavam de volta no hospital. Eu estava com medo de contar para eles. Mas, àquela altura, eles já tinham recebido a mensagem na secretária eletrônica e já tinham falado com Ilario.

Minha mãe começou a chorar assim que me viu e meu pai me puxou para um abraço. Ele não era o tipo de homem que saía distribuindo abraços, mas ele me abraçou naquele dia.

— Nós não contamos para o Paul — sussurrou ela. — Ainda é cedo e ele está se recuperando. Está indo bem, mas temos um longo caminho pela frente.

Eu não sabia se ela estava se referindo a Paul ou a mim, porque, honestamente, eu não fazia ideia de como seguir com a minha vida.

A descrença travava uma luta com a raiva e a tristeza. Eu estava com ódio do motorista descuidado que tinha derrapado no gelo; estava com raiva de um Deus colérico que permitiu que uma pessoa tão linda e especial como Ru fosse atirada na calçada gelada enquanto sangue se esvaía do seu corpo.

No hospital, Paul ficava olhando para mim como se quisesse fazer uma pergunta. Eu sabia que ele queria saber onde Ru estava. Talvez ele achasse que ela tinha me dado um pé na bunda.

Meu Deus, como doía. Eu não podia contar para ele. Não podia. Eu nem ia saber o que dizer. Então, eu não disse nada. Nada. E mantive a porra do silêncio.

Depois que o horário de visita acabou, voltei para a minha casa e me joguei no sofá, vencido pela exaustão. Mas acordei uma hora depois gritando o nome dela enquanto um pesadelo me assombrava, imaginando sem parar a dor e o medo que ela deve ter sentido quando o carro a atingiu.

Enxuguei o suor da testa com mãos trêmulas e sussurrei o nome dela em tom acusador.

— Ru, por que você me deixou?

Nos dias que se seguiram, eu queria desistir, rastejar para algum lugar e morrer também. Mas a minha família precisava de mim. Não que eu estivesse sendo de muita ajuda.

Gostaria de conseguir deixar de me importar com eles, mas não podia fazer isso.

Passaram-se vários dias até a minha mãe contar a verdade para Paul. Foi difícil para ele. Quando recebemos a ligação de que um doador tinha aparecido, sabíamos que o dia de sorte de Paul significava um dia muito ruim de outra pessoa.

Mas eu não esperava que Paul fosse fazer muitas perguntas.

A TV estava ligada no fundo e eu baixei o volume. Paul estava descansando na cama de hospital, finalmente livre do respirador. Eu estava encolhido na poltrona desconfortável de acompanhante ao lado dele, minha mente distante, mergulhada no véu negro da depressão.

Ele pigarreou e me virei para ele, a apatia a um passo de distância.

— Eu estava pensando — disse ele em voz baixa. — Sobre quando isso... — E ele apontou para as bandagens que cobriam o seu peito e para os tubos e cabos que estavam ligados ao seu corpo.

Eu olhei para ele sem saber aonde ele queria chegar.

— Você acha que foi a Ru? Você acha que ela foi a minha doadora?

As palavras dele foram um choque para mim. E o ressentimento surgiu dentro de mim, como uma onda de calor que queimava com ferocidade. Sei que ele viu essa fúria, porque ele se encolheu, fazendo uma careta quando o movimento repentino repuxou os pontos.

Senti vergonha, mas ouvir o nome de Ru daquele jeito...

Mas quando pensei sobre aquilo, eu não conseguia parar de pensar que ela teria aprovado. Ela teria desejado ajudar o

meu irmão. A morte era tão sem sentido... a não ser quando não era. Talvez a morte dela pudesse ter um sentido para nós; talvez a morte dela significasse que Paul viveria.

A ironia era agri-doce e eu não sabia como lidar com a confusão de emoções dentro de mim.

Ficamos em silêncio por muito tempo, as lembranças do riso dela, do sorriso e da gentileza. Olhei e vi o olhar preocupado de Paul fixo em mim.

Balancei a cabeça devagar, fechando-me para a dor que eu sentia.

— Eu não sei, mano. E a gente nunca vai saber.

Ele mordeu o lábio.

— Mas poderia ser. Você... Você ia me odiar se fosse? Se Ru... Você ia me odiar?

Meus olhos se encheram de lágrimas de novo, e as afastei rapidamente.

— Não, mano. Eu jamais conseguiria odiar você. Nunca. — Eu respirei fundo. — E Ru se importava com você. Ela tinha tanto amor para dar, e se você precisa ter o coração de alguém no lugar do seu... Sim, eu acho que ela gostaria de ter doado para você.

— Ah, cara, eu gostaria... Eu sinto muito.

— Eu sei. Mas preste atenção no que vou dizer: Ru pensou sobre o que ela queria. Ela era uma fisioterapeuta, uma profissional da área de saúde. Ela sabia muito bem o que estava fazendo quando assinou o formulário de doadora. Se ela te deu o presente da vida, ou seja lá quem foi o seu doador, você precisa viver a melhor vida que puder. Por ela e por você.

Ele assentiu, seus olhos brilhando com as lágrimas.

— É o que vou fazer. Eu prometo. Ben...?

Eu olhei para ele, desejando que aquela conversa acabasse.

— Você também tem que prometer — declarou ele.

— Prometer o quê?

— Viver uma vida boa. Ru não ia querer que você... desistisse.

Eu sabia que ele estava certo. Ela ia odiar o meu comportamento. Tentei sorrir, imaginando o jeito como os olhos dela iam brilhar de raiva se tivesse me visto com a bunda sentada em algum lugar e sentindo pena de mim mesmo.

Tentei sorrir, mas o movimento pareceu estranho e duro, um esforço doloroso demais.

— Vou tentar.

Paul olhou intensamente para mim.

— Faça ou não faça. A tentativa não existe.

Eu pisquei e levantei as sobrancelhas.

— Você acabou de citar Yoda para mim?!

Ele riu.

— Sim.

— Seu punheteiro.

Seu sorriso desapareceu.

— Ru não ia querer que você desistisse, Ben. Prometa que não vai desistir. Prometa.

Eu não poderia mentir para o meu irmão e não poderia dizer não para ele.

— Eu não vou desistir.

De alguma forma, eu ia continuar. Eu ia encontrar forças em algum lugar para continuar. Ru me deu o presente do seu amor e eu não ia desperdiçá-lo. Então, sim, eu ia encontrar uma forma de continuar.



CAPÍTULO 15

O funeral de Ru foi o pior dia da minha vida. E eu já tinha tido muitos dias ruins. Todos os dias desde que ela me deixara.

Eu acordava e, por um segundo precioso, a minha mente estava vazia; um segundo inteiro sem saber que a minha vida tinha sido arrancada de mim, o futuro com o qual eu sonhara, o futuro que estivera ao meu alcance.

E, então, eu me lembrava, e o vazio cruel voltava a cair sobre mim com toda sua força, a consciência de que jamais veria seu sorriso de novo. Que nunca mais mergulharia o meu rosto no cabelo comprido e sentiria o cheiro de coco.

Eu me obrigara a seguir a vida pelos meus pais e por Paul. Mas cada passo era pesado demais, como se eu estivesse preso na lama, que me puxava para baixo, me sugando para a escuridão.

Eu tinha tirado uma licença do clube. Não pedi nada, simplesmente tirei. Ninguém tentou me convencer a jogar. Eu não tinha o menor interesse em jogar ou em conversar com ninguém do time. Eu achava que o *rugby* era a minha paixão. Acabou que eu era um idiota que não conseguia diferenciar o meu traseiro de um buraco no chão.

Apesar de estar me afastando do mundo, ele continuava me dando porrada, lembrando-me de que, para as outras pessoas, a vida continuava.

Recebi um e-mail da irmã mais nova de Ru, convidando-me para a vigília de orações e pedindo... não, implorando, que eu fosse ao funeral.

Eu não queria ir. Por que ia querer ver o amor da

minha vida ser enterrado em um buraco lamacento no chão? Achei que fosse perder a cabeça. Eu realmente achava que não ia conseguir fazer aquilo. Então, nem respondi.

Só que a Bia era mais esperta e determinada do que eu imaginava. Bem, ela era bem mais parecida com a irmã do que imaginei, porque ela ligou para os meus pais e contou para eles que eu não tinha respondido.

E foi por isso que eles apareceram na porta do meu apartamento duas horas antes do funeral. Minha mãe trazendo o meu melhor terno que ela tinha mandado lavar, e meu pai, uma garrafinha de uísque.

— Achei que você ia precisar disso, filho — disse ele, passando pela porta.

Minha mãe entrou logo atrás, dando um tapinha na minha mão, como se eu fosse uma criança levada, e depois puxando-me para um abraço.

Ela me abraçou por um tempo, parecendo não querer me soltar.

Ficamos assim por um bom tempo, e as lágrimas que eu me recusava a derramar queimavam os meus olhos e a minha garganta.

— Você está fedendo — declarou ela por fim, dando tapinhas no meu ombro e me empurrando. — Vá tomar um banho. Temos tempo.

— Eu não vou.

— Não seja tolo. É claro que você vai.

— Mãe...

— Nem mãe, nem meio mãe! Aquela garota merece mais do que você ficar choramingando por aí, sentindo pena de si mesmo.

Perdi a cabeça naquele momento.

— Não venha me dizer o que ela merecia! Eu teria dado tudo para ela! Eu teria dado a porra das estrelas em uma bandeja se ela tivesse pedido!

— Filho...

O tom de voz do meu pai era de aviso, havia compaixão no seu olhar, mas determinação na sua voz.

Minha mãe mordeu o lábio e piscou para afastar as lágrimas. Eu senti vergonha de mim mesmo.

— Eu... Eu ia pedi-la em casamento.

— Eu sei, amor. Eu sei. Mas é hora de dizer adeus. Você precisa fazer isso. Não apenas por você, mas pela família de Ru também.

Isso mesmo, mãe. Faça com que eu me sinta culpado. Isso

sempre funciona.

Meu pai me entregou a garrafa de uísque, e tomei um gole e mais outro. O álcool queimou a minha garganta.

— Banho — disse ele, fazendo um gesto em direção ao banheiro.

Eu estava cansado demais para discutir com os meus pais. Vazio demais, exausto demais.

Fiquei parado embaixo do chuveiro, deixando a água quente me inundar de lembranças de todas as direções. Ru naquele chuveiro, seu cabelo escuro puxado para trás, um sorriso safado no rosto; Ru no meu quarto, insegura e tímida, mandona e sexy.

Fiquei lá, pensando em tudo aquilo, enquanto as lembranças se misturavam com a água e desciam ralo abaixo. Todas elas.

Eu queria que a água quente acabasse, que ficasse gelada, para que eu conseguisse sentir outra coisa além do vazio. Mas aquele era um apartamento de luxo e a água quente nunca acaba.

Desisti, fechei o chuveiro e saí, sentindo o ar frio na minha pele quente. O espelho não tinha embaçado porque tinha um aquecedor interno. Ru tinha implicado comigo por causa disso. Olhei para o meu reflexo, ressentindo-me ao ver o meu corpo saudável e forte, apesar das olheiras profundas.

Tudo aquilo era tão injusto.

Fiz a barba com cuidado, removendo os pelos de uma semana.

Quando fui para o quarto, vi que minha mãe tinha tirado o terno do plástico e o colocado na cama, junto com uma camisa nova e uma gravata.

A porra de uma gravata preta.

Senti um aperto no peito e um sobressalto e tive que me segurar na porta.

Tudo se tornou horivelmente real. Eu estava me arrumando para ir a um funeral com terno e gravata pretos. O funeral da Ru.

Eu me vesti devagar, o peso da tristeza me afetando, meu corpo pesado como chumbo.

Olhei para a minha imagem no espelho e fiquei chocado com o que vi: um homem vestido para um funeral.

Ela só tinha 22 anos! Não era justo! Como uma porra daquelas poderia ser justa?

Finalmente, quando eu não tinha mais como adiar, saí para encontrar os meus pais. Minha mãe estava sentada curvada e triste, como se estivesse vazia por dentro. Mas meu pai estava diante da janela, olhando para fora com o rosto sério.

Como duas estátuas voltando à vida, eles olharam para mim.

Minha mãe assentiu, e eu não sabia se era uma aprovação ou porque estava dizendo que era hora de irmos.

Entramos todos no Volvo antigo. Fui no banco de trás como se tivesse 14 anos de novo, e cruzamos Londres em direção à Igreja Católica onde aconteceria o funeral de Ru.

Entorpecido, fiquei olhando pela janela enquanto a paisagem londrina passava por mim como um filme em preto-e-branco.

E, então, o sol apareceu. A porra do sol se atreveu a brilhar no dia do funeral da Ru. O filho da puta do sol estava debochando da minha cara, lançando luz sobre a minha fúria e o meu luto.

O estacionamento da igreja estava lotado. Por algum motivo, aquilo me deixou com mais raiva ainda. Ru tinha tanta vida para viver, tinha todas aquelas pessoas que a amavam e se preocupavam com ela.

Ficamos de lado, estranhos e ingleses, enquanto a metade brasileira da família que parecia superar todo mundo, se abraçava e chorava. Os pais de Ru estavam cercados de pessoas e eu nem tentei me aproximar deles.

Cumprimentei com um aceno de cabeça o tio Frank que se mantinha mais afastado como nós.

Quando vi Ilario, seus olhos estavam vermelhos e seu queixo tremia enquanto era levado pela emoção. Fiona estava pálida e magra, parecendo ter envelhecido dez anos desde a última vez que eu a vira.

Respirando fundo, atravessei a multidão, seguindo em direção a eles, mas quando cheguei, não sabia o que dizer. Só fiquei olhando para eles, abrindo e fechando a boca, totalmente mudo e ridículo.

Fiona olhou para mim com olhos vazios e, por alguma compaixão profunda, apertou a minha mão.

Então, seu rosto se contraiu e Ilario a puxou para ele, murmurando palavras que eram só para ela.

Eu me virei, tão vazio e quebrado, então, eu os vi: meu time. Todos estavam lá, de terno e expressão solene no rosto. Todos eles estavam lá para Ru.

Cada um deles veio até mim, apertou a minha mão e me deu tapinhas no ombro, murmurando alguma coisa ou com expressão constrangida quando não conseguiam encontrar palavras.

E eu percebi... Eles todos estavam ali por mim também.

Meu time. Meus irmãos. Escandalosos, idiotas e irritantes, mas também leais até o fim.

Eles estavam lá por nós dois: por mim e por Ru.



CAPÍTULO 16

Londres estava acordando.

Para onde quer que olhasse eu via sinais da primavera — narcisos nos parques, novos botões nas árvores, uma promessa de calor no ar. Ru teria adorado.

O Natal e o Réveillon passaram como um borrão. Eu não me lembro de nada. Nada parecia real a não ser a dor sólida no meu peito e o peso que eu carregava para todos os lugares.

A única coisa que me dava prazer, a única coisa que significava alguma coisa para mim era ver Paul melhorar a cada dia. Pequenas vitórias e pequenos passos no começo que se tornaram maiores, e ele começou a fazer cada vez mais o tempo todo. Ver uma cor saudável do seu rosto e o brilho nos seus olhos faziam com que eu sentisse ainda mais saudade dela — se é que isso era possível.

Mas ele estava bem, melhor do que eu jamais o tinha visto. Ele não precisava mais lutar a cada respiração e não precisava mais dos exercícios de fisioterapia para tirar o muco dos pulmões. Ele não estava curado da fibrose cística, mas ele tinha uma chance de viver quatro, cinco ou seis anos de uma vida quase normal. Talvez mais. Talvez muito mais. Um terço dos pacientes que passavam por aquele procedimento tinha uma sobrevida de mais de dez anos. Eu queria isso para Paul. Queria que meu irmão vivesse o máximo possível.

Todos nós temos o nosso tempo neste planeta — algumas pessoas passavam pela nossa vida pelo mais breve instante e faziam a maior diferença. Não sei por que isso acontece, só sei que é verdade.

Eu gostava de acreditar que os anos preciosos de uma vida saudável — algo que Paul nunca teve — era o que Ru tinha dado a ele. Eu não sabia com certeza, mas sentia: o calor dela e seu amor — eu ainda sentia.

Hoje era um dia importante. E talvez, assim como a cidade, eu também estava acordando, porque, pela primeira vez em muito tempo, eu sentia o pequeno pulsar de algo que poderia ser esperança.

Paul viria assistir ao meu jogo. Ele estava vindo a Hangar Lane para me assistir jogar profissionalmente pela primeira vez.

Era o meu primeiro jogo desde... desde Ru.

Havia todas aquelas inesperadas primeiras vezes. Na primeira vez que sorri, senti uma onda de culpa. A primeira vez que entrei na sala de treino foi amargo. Tantas primeiras vezes.

Como vou fazer isso? Como vou continuar? Por que estou continuando?

Paul. Meus pais.

Eu fazia tudo por eles. Eu continuava por eles.

Paul já tinha me visto jogar pela TV quando os jogos eram televisionados, sentado em casa sozinho. Mas hoje ele estaria aqui com nossos pais, torcendo na arquibancada. Os pais e a irmã de Ru também tinham vindo.

Então hoje, o *rugby* voltava a significar algo de novo. Hoje eu ia jogar por ela.

Paul veio de carro comigo pela primeira vez. Não tinha mais aquela aparência frágil que sempre teve. Era um momento agri-doce.

Ele entrou no vestiário comigo, cheio de orgulho e senti um aperto no peito. Eu queria ele aqui, que ele visse tudo isso, que vivenciasse aquilo comigo, mas doía tanto.

Eu o apresentei a todos os meus colegas de time que ele ainda não conhecia. Vi o quanto gostava de estar com a gente, conversando sobre *rugby*, falando as besteiras de sempre. Ele nunca tinha vivido aquilo, nem quando criança nem como adulto.

Quando chegou a hora de nos trocarmos, ele se despediu de todos e me deu um abraço.

— Não quero ver você de sunga, mano. — Ele riu.

Ele foi embora, assoviando e eu congelei, minha cabeça virando para ele.

Paul estava assoviando a melodia da música *Sexy Beast*, que Ru sempre cantarolava quando queria me provocar.

Meu coração saltou dentro do peito. Será que era coincidência? Só poderia ser! Paul deve ter ouvido Ru... ele deve ter...

Mas talvez não. Eu senti a presença de Ru naquele momento. Não sei explicar o porquê. Não sei dizer como, mas eu sabia que ela estava perto de mim.

Lágrimas queimaram os meus olhos e precisei engolir a emoção.

Afundi no banco e apoiei a cabeça nas mãos. Era difícil, tão difícil.

— Oi, Ben!

Ashley se aproximou e se sentou ao meu lado.

— Tudo bem, cara? — perguntou ele de forma estranha.

A gritaria e o riso que enchiam o lugar desapareceram como se alguém tivesse apertado a tecla “mudo” no controle remoto.

— Tranquilo — respondi em voz baixa. — Está... tranquilo.

Então, Andy veio e deu um tapa no meu ombro.

— Nós todos estamos aqui por você, cara.

— Não seja tão mulherzinha. — Wes deu uma risada, dando um soco no braço do amigo. — Nós vamos mandar ver no jogo de hoje!

O que era a forma de ele dizer que se importava. O cara ainda era um idiota, mas você não se importa com isso em um amigo, e ele não conseguia evitar.

Comecei a me preparar para o jogo, sentindo o repuxar dos músculos. Fiz tudo o que deveria hoje, aquecendo-me de forma mecânica no momento que acordei, tomando meu mingau com frutas de manhã, seguido por ovos mexidos. Era o combustível de que eu precisava pelos oitenta minutos de desordem.

Apesar da dor no meio do meu peito, meu corpo estava pronto. Eu não tinha muita certeza em relação à minha mente.

Sinto saudade, Ru. A cada dia que passa, sinto mais saudade. Como isso é possível?

Esfreguei o peito de forma distraída. Era um gesto que eu repetia muito ultimamente. Não ajudava. Só servia para me lembrar o que eu tinha perdido.

Pendurei as minhas roupas e coloquei a sunga que eu usava por baixo do uniforme.

Sexy Beast!

Ouvi a risada de Ru tão claramente que ergui a cabeça e olhei em volta, mas ela não estava lá. Eu precisava compreender, precisava acreditar no inacreditável: ela nunca mais estaria lá.

Manda ver, garanhão.

Dessa vez, ouvi o sussurro bem perto do meu ouvido e

estremeci, desejando com todo meu coração que quando abrisse os olhos eu a veria.

Por um segundo, achei que estava sentindo o cheiro do seu xampu de coco, mas o momento passou.

Mesmo assim, um tipo de paz desceu sobre mim e comecei a entender o que Paul tinha me dito.

As pessoas que você ama e perde, uma parte delas está sempre com você, porque você as carrega no seu coração.

Esfreguei o peito, baixei a cabeça e pigarreei.

Um fisioterapeuta se aproximou e enfaixou o meu tornozelo, colocando a bandagem para me dar um apoio extra do qual eu não precisava. Não fisicamente.

Vesti o uniforme, deslizando o tecido sedoso pelo meu corpo, amarrando os cadarços apertados enquanto estava sentado no banco de madeira.

E, então, coloquei uma braçadeira preta. Era por Ru. Eu estava de luto por ela e aquele jogo era para ela e eu ia dizer para o mundo que uma coisa boa tinha deixado este mundo para sempre.

Mas, quando olhei para os meus colegas, fiquei surpreso. Todos eles estavam usando a mesma braçadeira no braço direito. Todos eles. Até mesmo Sim.

Sim se aproximou de mim e colocou a mão no meu ombro.

— Todos nós sentimos falta dela, filho.

Quando entramos em campo, os gritos da torcida encheram o ar, subindo até o céu azul sem nuvens. Eu me virei em direção aos assentos destinados a familiares, perto do túnel de entrada. Vi meus pais, vi Ilario e Fiona com Bia. E vi Paul, de pé, comemorando, seu rosto rosado de tanto gritar, saudável, feliz e inteiro.

Olhei para o céu azul infinito.

Eu amo você, Ru. Eu sempre vou amar você. Obrigado.

Assumimos nossas posições para o início do jogo e senti a determinação me tomar por inteiro. Como um ímã atraindo o metal.

Este jogo é para Ru.

O juiz apitou e as minhas pernas ganharam vida enquanto eu corria pelo campo, pegando a bola no ar.

Hoje eu era intocável.

Hoje eu era invencível.

Hoje eu começaria a viver de novo. Por ela.

Por mim.



EPÍLOGO

Ru foi a tempestade que eu não vi chegar. Não havia nuvens no horizonte, só o calor na minha pele enquanto sentia a eletricidade entre nós.

Ela foi como as ondas do mar, gentis, mas cruéis, puxando-me em direção a ela. Ela foi o sol no céu, levando-me em direção à primavera.

E embora ela tenha partido, seu amor ainda está aqui.

Eu sempre vou carregar essa tristeza no meu peito, como uma joia preciosa. Mas nunca vou me arrepender dos minutos, das horas e dos dias que vivemos juntos. Não foram o suficiente. Nem perto disso.

Meu irmão está ao meu lado, e vejo o desejo de viver brilhando em seus olhos. E nos olhos dele eu vejo Ru.

Ela foi a minha estrela-guia, mostrando-me o caminho para me tornar o homem que serei.

E cada dia, cada passo solitário me levam em direção a esse futuro.

Ru era minha amiga, minha amante, minha professora. Ela foi o meu maior presente.

Meu começo, mas não o meu fim.



SOBRE OS AUTORES

Stuart Reardon

Stuart é jogador aposentado de *rugby* de 13 (*Rugby League*), com uma carreira profissional de mais de 16 anos e tendo jogado nos principais clubes dessa modalidade. Sofreu várias lesões sérias que quase acabaram com sua carreira, exatamente como no livro *Imbatível*, que escreveu com a incrível colaboração de Jane.

Mora atualmente em Cheshire, onde trabalha como *personal trainer*, e tem um programa de fitness on-line, o *Fear Nothing Fitness*.

Se você está se perguntando o porquê de essa história se passar no mundo do *rugby* de 15 (*Rugby Union*) em vez de no mundo do *rugby* de 13 (*Rugby League*), bem, é só porque o de 15 é muito mais conhecido, principalmente fora do Reino Unido.

Peço desculpas a todos os fãs do *Rugby Union* mundo afora!

Jane Harvey-Berrick

Adoro assistir aos surfistas na praia local, enquanto teço histórias românticas no mundo moderno com todas as suas tribulações.

Foi muito divertido trabalhar com Stu nesta história. Mas mais do que isso, foi fascinante e esclarecedor também.

E eu realmente adoro que leitores entrem em contato comigo, então deixo a seguir os meus contatos. Por favor, mandem uma mensagem.

facebook.com /JHBWrites

Instagram: @jharveyberrick



A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

<http://www.thegiftboxbr.com>

<Facebook.com/thegiftboxbr.com>

Instagram: [@thegiftboxbr](#)

Twitter: [@thegiftboxbr](#)

Skoob: bit.ly/TheGiftBoxEditora_Skoob